

**A FAMÍLIA E A ESCOLA CONTEMPORÂNEA: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO
ÉTICO**

BIANCA MARIA FERREIRA SILVA OMOTE

**A FAMÍLIA E A ESCOLA CONTEMPORÂNEA: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO
ÉTICO**

BIANCA MARIA FERREIRA SILVA OMOTE

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de Concentração: Instituição educacional e formação do educador.

Orientador: Prof. Dr. Levino Bertan

370
O56f

Omote, Bianca Maria Ferreira Silva.
A família e a escola contemporânea: a
construção do sujeito ético / Bianca Maria
Ferreira Silva Omote. – Presidente Prudente,
2010.
75 f.

Dissertação (Mestrado em Educação...) –
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste:
Presidente Prudente – SP, 2010.
Bibliografia
Orientador: Levino Bertan

1. Família. 2. Escola. 3. Educação. 4. Sujeito
Ético. 5. Subjetividade. I. Título.

BIANCA MARIA FERREIRA SILVA OMOTE

**A FAMÍLIA E A ESCOLA CONTEMPORÂNEA: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO
ÉTICO**

Dissertação apresentada a Pró- Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 17 março de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Levino Bertan
Universidade do Oeste Paulista - Unoeste
Presidente Prudente - SP

Profa. Dra. Ivone Tambelli Schmidt
Universidade do Oeste Paulista - Unoeste
Presidente Prudente - SP

Profa. Dra. Ieda Maria Munhos Benedetti
União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo – Uniesp
Presidente Prudente - SP

Para meu pai e meu filho.
De onde eu vim, para onde eu vou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as minhas amigas, Ieda e Mariana. “Se alguém me perguntasse por que as amo, eu não saberia dizer, então digo: porque são elas, porque sou eu”. (Montaigne);

Ao meu querido orientador professor Dr. Levino Bertan;

Ao meu esposo Everton, meu grande amor;

Minha mãe Carmilda, porque me inspira, porque me deu a vida mais de uma vez.

Não importa os interpérios do tempo,
Não importa os ventos que assolam o mar,
Eu sou o mestre do meu destino,
Eu sou o capitão da minha alma.
(Invictus – livre tradução)

RESUMO

A família e a escola contemporânea: a construção do sujeito ético

A presente dissertação trata dos conceitos de família e escola contemporâneas e sua correlação com a constituição do sujeito em sua dimensão ética. Derivou de nossa preocupação com problemas educacionais cotidianos, tais como falta de limites, dificuldades em responder às demandas da sociedade, dificuldade em se colocar no lugar do outro, impulsividade expressa nos comportamentos excessivos nas compras, alimentação, uso de substâncias, bebidas, comportamento imprudente no trânsito, etc. Discorre sobre a dinâmica das relações sociais apontando para a importância dos valores éticos e respeito mútuo para a construção de uma sociedade justa e capaz de responder às novas demandas do sujeito do nosso tempo. Referencia-se na metodologia da pesquisa qualitativa apoiada nos autores: Kehl (2002), Winnicott (1999 – 2005), Benedetti (2009), Tedesco (2001), Di Giorgi (2004). Através da análise das instituições família e escola, questionamos qual delas desempenha o papel prioritário na educação, onde se inicia o processo de formação do sujeito ético, e quais fatores são constitutivos da estrutura educacional do conceito e prática da cidadania. Elencamos como fatores essenciais para a constituição do sujeito ético e prática da cidadania o trabalho integrado entre escola e família, de modo fraterno, tendo como elemento essencial o distanciamento do apelo massificado ao consumo, unificador das personalidades, repressor da individualidade e resgatando a subjetividade como elemento capaz de preservar a estrutura psíquica individual de modo saudável e apto a conviver em sociedade.

Palavras-chave: Família; Escola; Educação; Sujeito Ético; Subjetividade.

ABSTRACT

The family and the school contemporary: the construction of the ethical citizen

This dissertation deals with family conceptions and contemporary school and its correlation with the constitution of the subject in its ethical dimension. Derived from our concern with everyday educational problems, such as lack of boundaries, difficulties in responding to society's demands, difficulty in wearing other's shoes, impulsive behaviors towards shopping habits, eating habits, substance use, beverages, reckless behavior in traffic, etc. Discusses the dynamics of social relations pointing to the importance of ethical values and mutual respect to build a just society and able to respond to new demands of our time. Supported by qualitative research methodology from the following authors: Kehl (2002), Winnicott (1999 - 2005), Benedetti (2009), Tedesco (2001), Di Giorgi (2004). Through the analysis of family institution and school, we ask which one plays the primary role in education, where starts the process of ethical formation, and which factors are constitutive of the structure of the educational conception and practice of citizenship. We listed as essential for the formation of the ethical practice of citizenship, the integrated work between school and family, having as crucial element, the distance from the call-crowded consumption, rescuing the subjectivity as the main tool to preserve the individual psychic structure in a healthy way and fit to live in society.

Key-words: Family; School; Education; Ethical citizen; Subjectivity

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONSTRUÇÃO DO SUJEITO	17
2.1 Subjetividade	27
2.2 Família Tradicional x Família Contemporânea	29
3. O PAPEL DA ESCOLA	36
3.1 O Papel da Afetividade para a Formação do Conhecimento	36
3.2 A Contribuição da Psicopedagogia para o Processo Educacional	41
3.3 O Papel do Professor nesta Nova Proposta	45
3.4 A Escola como Instituição Socializadora	48
4 A FORMAÇÃO ÉTICA E O IMPERATIVO DA LIBERDADE	51
4.1.A Crise	51
4.2 Conheça a Si Mesmo	54
4.3 Família e Ética	59
4.4 Sujeito e Subjetividade	61
4.5 Novos Valores na Sociedade Contemporânea	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO

Diariamente nos deparamos com queixas sobre a má formação educacional. A responsabilidade da boa educação é atribuição da família e da escola, embora na prática, nenhuma das instituições assuma integralmente sua participação.

Uma das grandes preocupações neste novo milênio é a formação da cidadania, educando para incentivar nos alunos a correta prática de seus deveres e gozo de seus direitos. Um dos grandes desafios é compartilhar a responsabilidade entre pais e professores, convencendo-os de sua essencialidade nesse processo fundamental e imprescindível na criação de um sujeito ético. Um projeto de importância relevante, considerando resultados positivos advindos da convivência em sociedade, pautada na valorização ética e respeito mútuo, promovendo inclusive, a diminuição na ocorrência de criminalidade.

Das instituições família e escola, qual delas desempenha o papel prioritário na educação? Como definir absolutamente, onde se inicia o processo de formação do sujeito ético? Entender o significado da palavra cidadania é suficiente para aprender e praticar os bons costumes que nos levam a cidadania de fato?

Partindo desse pressuposto ressalta-se a importância desta proposta de pesquisa que envolverá o papel da família e escola na formação do sujeito ético.

Em nossa prática clínica, somos ouvintes de muitas queixas sobre problemas de aprendizagem escolar e percebe-se que muitas são resultantes da fragilidade dos laços afetivos emocionais. Assim, não poderíamos deixar de pesquisar sobre os vínculos familiares, a troca de afetividade nos lares, e seus reflexos no sucesso do processo “ensino e aprendizagem”. Como discente do curso de mestrado em educação, buscamos também, conhecimentos sobre a contribuição paralela da escola nesse mesmo processo, uma vez que os alunos vivem e convivem parte de sua infância e adolescência nas Instituições de Ensino.

É fundamental a participação da família no contexto escolar, uma vez que o estado afetivo emocional é base de toda correlação entre o desenvolvimento e aprendizagem. Segundo Tinoco (1999) para se ter uma boa aprendizagem é necessário que a criança seja educada por pais com condições de suprir suas

necessidades afetivo-emocionais e que dediquem com prazer, tempo suficiente aos seus filhos.

Alguns conceitos devem ser revistos para que a criança possa seguir seu caminho de maneira plena, fazendo uso de sua liberdade para poder alcançar os objetivos mais elevados de sua plenitude e realização.

Primeiro e fundamental ponto: a identidade precisa ser construída. Neste item, o foco está na possibilidade de construção da subjetividade e não mais na introjeção das normas sociais e papéis já construídos (BENEDETTI, 2009, p. 75).

A instituição escolar e familiar, não tem se preocupado com a formação da cidadania, basta verificar o aumento dos índices de violência que acometem o ser humano no mundo contemporâneo.

Há necessidades de mudanças culturais no que tange a formação de família e estruturação escolar. Precisamos formar cidadãos preocupados com a sobrevivência da sociedade. É necessário criar uma parceria entre família e escola, para que juntas, contribuam para o fortalecimento da educação e civismo, em busca da formação do indivíduo ético.

Segundo estudos de Benedetti (2009, p. 75):

O sujeito apresenta, hodiernamente, maiores possibilidades de construção de sua subjetividade, não mais circunscrito à família como fonte de referência. Tedesco (2001) aponta para a existência de um déficit de sociabilização ligado à perda, por parte da escola e da família, da capacidade de transmitir eficazmente valores norteadores culturais de coesão.

Diante deste conceito, devemos criar uma educação participativa que se baseia na ação conjunta, que se preocupa com a formação global do sujeito através do ensino fundamental e médio.

Quando a escola cumpre em transmitir valores essenciais, educa também os pais, e por consequência, a família do aluno. A aliança entre família e escola possibilita refletir sobre os valores necessários a construção do sujeito, definindo limites e responsabilidades de cada uma. A escola é continuidade do lar do aluno, e como tal, deve proporcionar-lhe condições de crescimento e realização pessoal.

Precisamos do espaço escolar para ampliar nosso desenvolvimento intelectual, pessoal, afetivo e emocional, uma vez que dedicação e participação familiar não são suficientes. A escola fortalece as relações intrafamiliares, tornando-as uma fonte de segurança inesgotável imprescindível durante a caminhada do aluno para a vida independente.

Existe atualmente uma crise econômica, política, social e cultural por toda a sociedade que reflete, de modo interativo, negativamente em todo o sistema educacional e automaticamente na dinâmica familiar. O que significa dizer que quanto mais a sociedade se torna complexa, mais é preciso dialogar com as realidades e delas aprender uma leitura que fortaleça a educação.

A família assim como a escola, inseridas neste mesmo contexto, imbricada na crise, encontra-se perplexa diante das mudanças no novo contexto e o seu reflexo no comportamento da nova geração. Essa família demanda orientação e suporte afetivo para poder se posicionar diante da problemática contemporânea.

Masetto (1998) declara que todo professor deve atender as necessidades da sociedade neste século XXI, assumindo as classes sociais e verificando os tipos de sujeito que a escola tem formado. A escola, agente de transmissão de saberes deve criar situações para que a formação de cidadania se incorpore na vida do sujeito.

O professor, além de educador, também é um agente responsável pela formação do aluno transmitindo-lhes valores éticos e morais, tornando-o um cidadão. De acordo com Bock (1996) o professor exerce uma posição de liderança, para tanto tem que estar com todas as suas emoções equilibradas o suficiente para lidar com as adversidades do ser humano. O papel do professor apresenta significado para formação das novas gerações.

A pesquisa tem como objetivo geral descrever o papel da família contemporânea e escola na formação do sujeito ético, não importa tal como esta família é constituída, o importante são as condições psicológicas e físicas que esta instituição apresenta para criar e educar os filhos adotados ou reproduzidos por ela; abordar a essencialidade da educação primária oferecida pelos pais, os primeiros limites, os primeiros não, as primeiras regras, direitos e deveres devem ser impostos dentro do lar, assim como a noção de respeito e afeto; apontar a importância da aliança entre família e escola, ao dar continuidade no processo educacional da criança, estabelecer uma relação de parceria com a segunda maior instituição

educacional; abordar a contribuição dos professores para formação da cidadania e apresentar sua importância para a sociedade; resgatar os valores e as contribuições dos professores, muitas vezes esquecidos, ou deixados de lado, sobre sua essencialidade para o processo educacional, da mesma forma que também devem ser orientados para que estejam em devidas condições psicológicas e estruturais para lidar com seus alunos. Especificamente, analisar e refletir sobre a relevância da participação da família em conjunto com a escola visando à implantação de mudanças que contribuam positivamente na formação de sujeito tornando-o capaz de exercer a cidadania plena.

A escola se encontra em profunda crise, sendo chamada a desempenhar novos papéis, mas não conseguindo fazê-lo, o que gera toda espécie de patologias, das quais a crescente violência é apenas o sintoma mais evidente. Há outros como a evidente indiferença e apatia dos educandos e dos educadores. O modelo vigente de escola se revela absolutamente inadequado perante a nova realidade.

A proposta que intencionalmente têm surgido para dar conta deste estado de coisas têm, em geral, sido marcados por um viés economicista que as afasta de qualquer possibilidade de responder satisfatoriamente à complexidade da tarefa. Também as propostas mais humanistas têm em geral, sido incapazes de repensar o modelo de escola, adequando-o às novas tarefas e ao novo ambiente social em que terá que atuar.

Tudo isso aponta para a necessidade de uma profunda mudança no modelo de escola:

- a) ser produtora de conhecimento;
- b) ter auto grau de autonomia;
- c) assumir funções educativas mais amplas, por si mesma ou através de forte ligação com outras agências que também tenham caráter educativo;
- d) promover, como papel a ser gradativamente assumido nas políticas públicas e legitimado no imaginário social, a dinamização cultural, social e eventualmente até econômica de seu entorno;
- e) o processo de formação dos educandos é, crescentemente, determinado, tanto no plano coletivo como individual, por eles próprios, única perspectiva pedagógica coerente com a formação de sujeitos (DI GIORGI, 2004, p. 11-13).

Enfim, tornamos a afirmar que as instituições família e escola necessitam de mudanças. Falar em construção de sujeito é falar de subjetividade de sujeito, como afirma Tedesco (2001) é apresentar o desenvolvimento da personalidade de forma livre sem limitações sociais sem imposições de regras, e a crise educacional surgiu com a modernidade, o conflito existente entre racionalidade e subjetividade. É um conflito entre normas sociais com o eu. Assim a educação assume um lugar importantíssimo, sua principal finalidade é preparar o sujeito para a integração à sociedade. Para isso, de acordo com o autor:

A socialização escolar, conseqüentemente, estava destinada a promover comportamentos ajustados às exigências de um sistema institucional baseado em regras impessoais e comuns a todos. Embora esse modelo supusesse uma ruptura com a socialização familiar – concebida como o reino do particularismo e dos sentimentos –, seu funcionamento estava articulado organicamente com a socialização familiar.

A família socializava para o êxito escolar, pois era responsável pela formação do núcleo básico da personalidade, um de cujos componentes principais era precisamente a preparação para a atividade escolar.

É importante lembrar que uma das regras básicas desse modelo é que a família seja responsável por que o aluno chegue à escola em condições de educabilidade, tanto materiais como psicológicas (TEDESCO, 2001, p. 89).

De modo específico objetivamos:

A pesquisa se desenvolveu numa abordagem qualitativa. O objetivo de tal pesquisa é identificar as atribuições e responsabilidades da família e da escola na formação do sujeito e ética voltados para a cidadania, bem como, propor caminhos que amenizem as dificuldades encontradas pelos responsáveis educacionais deste milênio.

Para Bogdan; Biklen (1994) a pesquisa qualitativa focaliza a interpretação e não a quantificação, o caráter é de exploração. A pesquisa qualitativa atua no contexto da descoberta.

Optamos por este método de pesquisa por permitir que analisemos as crenças e valores, tudo mais voltado para as relações humanas.

As técnicas de pesquisa utilizadas foram de leituras apoiadas nos autores Di Giorgi (2004) em sua teoria *Uma Outra Escola é Possível*, o qual aborda sobre a problemática educacional e as conseqüências sociais, apresentando princípios de uma escola adequada aos desafios do mundo contemporâneo. Tedesco (2001) *Novo Pacto Educativo*, cuja proposta é a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Benedetti (2009) em *A Produção do TDA/H*, nos traz pontos críticos e demonstra a dinâmica das relações entre escola, família e educação. Kehl (2002) *Sobre Ética e Psicanálise* nos apresenta uma proposta sobre uma nova ética para o mundo moderno. Enfim, todos os autores citados acima, nos trouxeram contribuições essenciais para a formação da presente dissertação.

Considerando nossos objetivos, o trabalho foi desenvolvido primeiramente apoiado nas leituras textuais, observamos os autores antes de escrever sobre tal, verificamos sobre os capítulos e introdução para averiguarmos a identificação com a pesquisa. Em seguida foi realizada a leitura interpretativa sobre

os autores através de questões pessoais para compreensão das mesmas. Assim sendo as idéias serão apresentadas e concluídas.

Toda pesquisa tem que ter uma relevância social para poder resolver um problema, focando melhoria na educação e formação das pessoas de maneira geral.

Desta forma nossa pesquisa tem como relevância social contribuir para a sociedade atuando na formação ética do sujeito com uma educação voltada para a cidadania, assim sendo, as pessoas poderão estar mais preparadas para o trânsito, mais estruturadas para aceitar normas no próprio emprego, poderá haver uma diminuição da violência, diminuição ao consumo de drogas e um apelo imediato ao hedonismo. São questões perpassadas pela razão ou pela falta de uma formação ética que de suporte a uma constituição subjetiva capaz de trabalhar as questões acima relacionadas.

A presente dissertação foi organizada da seguinte maneira: na introdução relatamos nossos interesses e anseios e questionamentos sobre o papel da família e escola na construção do sujeito, sua subjetividade e formação ética.

Após a introdução, achamos pertinente algumas considerações sobre os pressupostos metodológicos utilizados.

No primeiro capítulo da dissertação é abordado o papel da família na formação de sujeito. Não é apresentada uma imposição de limites, mesmo porque falar em família contemporânea, é falar da queda do poder paterno, é abordar o surgimento das diversas formas de família e o individualismo que toma conta das novas gerações.

No segundo capítulo foi feita uma abordagem sobre a importância da escola para educar e formar cidadãos, uma vez que, a escola não teve tantas mudanças administrativas e educativas neste novo contexto, mas sofre os reflexos das mudanças educacionais sofridas no próprio lar.

Já no terceiro capítulo foi dado destaque sobre a construção do sujeito e sua subjetividade com foco na ética para o exercício da cidadania através da boa educação, seja ela, primária ou secundária.

Em continuidade seguiremos para as conclusões, às quais podemos adiantar que, diante as leituras e análises feitas com base nos autores Benedetti (2009), Di Giorgi (2004), Kehl (2002), Tedesco (2001) entre os outros, não importa o tipo de família que lidamos, o importante é que o foco esteja na formação de sujeito,

respeitando suas individualidades, características, enfim, subjetividades. O fundamental é que estejamos voltados para um resgate de valores não na imposição de normas, mas na construção de idéias e liberdade com base na educação e atitudes fraternas.

2 CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Os Pais
Filhos...Filhos?
Melhor não tê-los!
Mas se não os temos
Como sabê-lo?
Se não os temos
Que de consulta
Quanto silêncio
Como o queremos!
Banho de mar
Diz que é um porrete...
Cônjuge voa
Transpõe o espaço
Engole água
Fica salgada
Se iodifica
Depois, que boa
Que morenaço
Que a esposa fica!
Resultado: filho.
E então começa
A aporrinhação:
Cocô está branco
Cocô está preto
Bebe amoníaco
Comeu botão.
Filho? Filhos
Melhor não tê-los
Noites de insônia
Cãs prematuras
Prantos convulsos
Meu Deus, salvai-o!
Filhos são o demo
Melhor não tê-los...
Mas se não os temos
Como sabê-los?
Como saber
Que macieza
Nos seus cabelos
Que cheiro morno
Na sua carne
Que gosto doce
Na sua boca!
Chupam gilete
Bebem xampu
Ateiam fogo
No quarteirão
Porém, que coisa
Que coisa louca
Que coisa linda
Que os filhos são!

Poema enjoadinho – Vinicius de Moraes – antologia poética (1960, p.195).

Não há como evitar esta verdade: a paternidade e a maternidade é um desafio. Os filhos têm as necessidades próprias de sua idade e, à medida que crescem, as necessidades se tornam mais complexas.

Com base em Winnicott (1999), poderemos compreender essa fase da vida que pode e traz alegria. A estratégia consiste em tomar as capacidades naturais das crianças como o alvo principal das ações dos pais. Podemos citar quatro dessas capacidades de acordo com o autor (1999):

1. Capacidade física - É tarefa dos pais é cuidar da criança e fornecer condições adequadas para que ela cresça e viva bem;
2. Capacidade intelectual - A função dos pais é estimular nos filhos o desenvolvimento intelectual;
3. Capacidade emocional - Os pais devem cuidar do bem-estar emocional de seus filhos, ajudando-os a estabelecer o controle interno sobre as emoções positivas e negativas;
4. Capacidade moral - É obrigação dos pais ajudar os filhos a internalizarem virtudes que reflitam os valores da família e sociedade.

É responsabilidade dos pais: orientar, educar e auxiliar na formação de sujeito de seus filhos, na formação da identidade, estruturação do self, compreensão ética do ser humano e de sua subjetividade.

As crianças aprendem a comportar-se em sociedade convivendo com outras pessoas, principalmente com os próprios pais. A maioria dos comportamentos infantis é aprendida por meio da imitação, da experimentação e da invenção. Todo relacionamento se inicia através do contato com o objeto e este objeto pode ser representado de fato por algo concreto que represente de fato o objeto de forma real ou um objeto que tenha uma representação simbólica, não corresponde algo real, externo, mas algo interno.

Quando o simbolismo é empregado, o bebê já está claramente distinguido entre a fantasia e fato, entre objetos internos e objetos externos, entre criatividade primária e percepção. Mas o termo objeto transicional, segundo minha sugestão, abre campo ao processo de tornar-se capaz de aceitar diferença e similaridade. Creio que há o uso para um termo que designe a raiz do simbolismo no tempo, um termo que descreva a jornada do bebê desde o puramente subjetivo até a objetividade, e parece-me que o objeto transicional (ponta do cobertor, etc.) é o que percebemos dessa jornada de progresso no sentido da experimentação.

Seria possível compreender o objeto transicional, embora sem compreender plenamente a natureza do simbolismo. Parece que o simbolismo só pode ser corretamente estudado no processo do crescimento de um indivíduo, e que possui, na melhor das hipóteses, um significado variável. Se considerarmos, por exemplo, a história da Sagrada Comunhão, simbólica do corpo de Cristo, penso que tenho a razão se disser que, para a comunidade protestante, trata-se de um substituto, de algo evocativo, não sendo

essencialmente, de fato, realmente o próprio corpo. Em ambos os casos, porém, trata-se de um símbolo (WINNICOTT, 1975, p. 19).

Assim, quando os pais permitem que os filhos, por menores que sejam, façam tudo o que desejam, estão deixando de lhes ensinar noções de limites individuais e relacionais. Estão deixando de lhes transmitir noções daquilo que podem ou não fazer formando sujeitos com uma construção psíquica desprovida da capacidade de adiar a satisfação de sujeito, constituindo a estrutura de base para os transtornos da impulsividade.

Sabemos que o amor dos pais pelos filhos é tão grande quanto o desejo de satisfazer todas as suas necessidades, a ponto de alguns não modificarem seu comportamento nem imporem limites, à medida que a criança cresce.

A resposta que os pais dão desde a amamentação até suprir um apelo ao consumo, seja um tênis, um vídeo game, são expressões de uma sociedade organizada em torno do capital e de pais ansiosos.

Após o nascimento, o primeiro contato físico mãe/bebê é perpetuado através do calor humano, do amor incondicional transmitido durante a amamentação e o resto da vida. Um dos ritmos mais importantes é a alimentação, que nessa fase é interação absoluta entre mãe e filho. Desde já, os limites e a disciplina podem ser apresentados ao bebê através da manutenção de horário e intervalos na amamentação.

O que vê o bebê quando olha para o rosto da mãe? Sugiro que, normalmente, o que o bebê vê é ele mesmo. Em outros termos, a mãe está olhando para o bebê e aquilo com que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali. Tudo isso é facilmente tomado como evidente. Peço que isso, naturalmente bem realizado por mães que estão cuidando de seus bebês, não seja considerado tão evidente assim. Posso demonstrar minha proposição referindo o caso de um bebê cuja mãe reflete o próprio humor dela ou, pior ainda, a rigidez de suas próprias defesas (WINNICOTT, 1975, p. 154).

A partir do nascimento, há uma co-dependência estabelecida nas relações e que evolui através do próprio desenvolvimento humano, formando a interdependência, de forma que cada um será livre para seguir seu próprio caminho.

As considerações que fiz sobre o papel exercido pela mãe, quando devolve ao bebê o próprio eu (*self*) desde deste, continuam a ter importância em termos da criança e da família. Naturalmente, a medida que a criança se

desenvolve e os processos de amadurecimento se tornam mais apurados, e as identificações se multiplicam, a criança se torna cada vez menos dependente de obter de volta o eu (*self*) dos rostos da mãe e do pai, e os dos rostos de outras pessoas com quem se encontra em relacionamento fraterno ou parental (WINNICOTT, 1960 a) não obstante quando uma família permanece íntegra e tem de si algo em desenvolvimento, durante certo tempo, cada criança extrai benefícios daí: pode ver-se na atitude de cada um dos membros ou na atitude da família como um todo (WINNICOTT, 1975. p. 161).

Durante uma longa fase da vida das crianças, a dependência e independência caminham lado a lado. Ainda bebês, a primeira sensação de independência se dá no engatinhar. Entretanto mesmo bebês e conhecedores de seus limites reivindicam atenção e cuidados quando se sentem desprotegidos e dependentes. O choro é uma reação necessária que constata a consciência do bebê sobre a sua própria fragilidade.

A psique e corpo já aprenderam a conviver juntas “A psique está ligada ao soma e ao funcionamento corporal, ao passo que a mente depende da existência e do funcionamento daquelas partes do cérebro que se desenvolvem depois” (WINNICOTT, 2005, pg. 9).

No final do primeiro ano chegam a manifestar-se até mesmo os primeiros traços do *processo secundário*¹ que atendem à ruptura da organização primária. Durante o primeiro ano de vida as experiências instintivas são portadoras da crescente capacidade que a criança tem de se relacionar com objetos, capacidade essa que culmina num relacionamento amoroso, entre duas pessoas inteiras, mãe e filho.

Assim, quando mãe e filho se completam através da plenitude desse relacionamento, o ego da criança é fortalecido, pois se sente seguro e apoiado em todos os aspectos.

A natureza do bom cuidado consiste, sobretudo, em oferecer a cada criança ambiente saudável e compatível com a sua fase de desenvolvimento proporcionando-lhe as condições imprescindíveis para que ela possa crescer atendendo as suas necessidades específicas.

¹ O processo secundário é o modo de funcionamento do sistema consciente/pré-consciente) Aí, a energia é ligada. A energia tende a ter sua descarga retardada, de maneira a possibilitar um escoamento controlado. No processo secundário as representações são investidas de forma mais estável. A introdução do pensamento reflexivo e da temporalidade traz consigo também a substituição do princípio de prazer pelo princípio da realidade.

É visto que cada indivíduo surge, desenvolve e se torna maduro. Não se pode considerar a maturidade adulta como algo separado do desenvolvimento anterior.

Podemos comparar a criança a uma plantinha em um vaso, onde ela tem a força da sobrevivência, mas precisa de cuidados – ela depende de alguém. E, à medida que cresce, vai adquirindo condições de satisfazer os próprios desejos. É nesta fase que as mães devem preparar seus filhos para as responsabilidades. Conforme a criança vai, pouco a pouco, se tornando independente, também sua autoestima vai se desenvolvendo. Nesse processo a presença do pai é indispensável.

Os pais que conseguem manter o lar unido estão, na verdade, prestando a seus filhos um serviço de inestimável importância. As crianças vêm na segurança uma espécie de desafio, que as convida a provar que podem ser livres. Quando oferecemos segurança, fazemos simultaneamente duas coisas: por um lado, nossa ajuda livra a criança do inesperado, de um mundo que ainda não é conhecido ou compreendido, e, pelo outro lado, protegemos a criança de seus próprios impulsos e dos efeitos que estes possam produzir (WINNICOTT, 2005, pg. 43).

As crianças têm sempre a necessidade de verificar se ainda podem confiar em seus pais. O crescimento verdadeiro proporciona à criança ou ao adolescente um sentido adulto de responsabilidade. Entretanto, essas verificações podem perpetuar-se até que a criança já esteja crescida, se tornado adulta, e precise, por sua vez, proporcionar condições de segurança a seus próprios filhos.

Contudo exposto, o que interessa é o grau de adaptação das condições ambientais às necessidades do indivíduo em qualquer momento de sua vida. Trata-se de um tema que inclui a questão do cuidado materno, o qual muda de acordo com o crescimento da criança e vem ao encontro tanto da dependência do bebê quanto aos primeiros movimentos dele em direção à independência. O cuidado materno transforma-se num cuidado oferecido por ambos os pais que juntos assumem a responsabilidade por seu bebê e pela relação entre todos os filhos.

Mas o que queremos suscitar é a grande variedade de fenômenos que caracterizam a vida do bebê. Winnicott (2005) nos mostra que jamais poderemos saber tudo a respeito dos bebês, porque haverá sempre um novo bebê, sendo que nunca dois deles serão iguais. Mas, todos têm em comum o fato de se interessarem por algum tipo de objeto que se tornaram importantes que são

chupados ou abraçados, que os reconfortam nos momentos de solidão e insegurança, chamados de objetos transitórios. O cheiro e a textura são os elementos essenciais.

Porém esses estranhos hábitos dos bebês nos mostram que existe algo mais do que dormir e ingerir alimentos, ou seja, o bebê recebe e assimila não só com a boca, mas também com as mãos, e a pele sensível do rosto. Segundo o autor, esses hábitos indicam que já existe uma criança vivendo realmente uma vida, acumulando e estruturando lembranças, formando um padrão pessoal de comportamento. Para o *eu* imaturo de uma criança muito pequena é a autoexpressão, talvez na forma destes insólitos hábitos de chupar um pedaço de pano que ela sente como realidade, que dá a mãe e à criança uma oportunidade de relacionamento humano que não esteja à mercê dos instintos animais.

Quanto à introdução do conceito “*não*” na vida da criança, através de diferentes conversas com mães, Winnicott (1999) destacou três etapas. Em primeiro lugar, quando a mãe é a responsável o tempo todo, ela sempre se recrimina se algo desagradável acontece. Essa fase só se tornará obsoleta muito lentamente, conforme a crescente capacidade da criança para compreender coisas. Em segundo lugar, a mãe começa a transmitir o *não* ao bebê porque está certa em discernir o alvorecer da inteligência e os primórdios da capacidade do bebê para separar o que se consente do que não se consente. É quando a mãe se impõe e também impõe a sua visão do mundo à criança. Na terceira etapa, se ganha a cooperação da criança ao oferecer-lhe uma explicação.

Muitas vezes vem a birra, que é uma ruptura do relacionamento, onde a criança transforma seu desejo supérfluo em algo essencial e necessário a sua vida. O birrento impõe à outra pessoa uma condição onde a grande motivação é um capricho, uma vontade desnecessária. Porém, se as mães estiverem passando por momentos de dificuldades pessoais, mesmo sabendo o procedimento correto não conseguirão um bom desempenho. Por isso, é muito importante que o pai também tenha participação, pois assim o bebê se sentirá seguro e absorverá a confiança de ambos. A criança que ouve o *não* adquire defesas no desenvolvimento e quando, finalmente, tiver que atravessar as barreiras do mundo já terá começado a desenvolver seus métodos para lidar com o inesperado.

Quando os pais mostram aos seus filhos o que devem ou não fazer, lhes dando aos poucos algumas permissões, estão estabelecendo um critério que influenciará na conceituação da liberdade pessoal.

Sabe-se que, antigamente, o limite era castrador, onde o pai colocava sempre uma barreira entre ele e o filho, e com isso tornava-se uma figura distante, ameaçadora e punitiva. Porém, com o tempo tornaram-se anti-repressivos, passando a ter dificuldades para se imporem perante seus filhos. Estes mesmos pais que reclamavam dos pais que tiveram, têm as mesmas atitudes. Por um lado os condenam, por outro os aprovam. Assim os filhos vão usando tudo aquilo que aprendem a seu favor.

O mito freudiano, como todo mito acerca das origens, supõe uma era primeva em que os homens viviam à lei do mais forte. Esta horda primitiva não tinha necessidade de se organizar; sua única estrutura era vertical: acima, o pai, protetor e opressor, que pelo uso da força se permitia o gozo de todas as mulheres, de todos os privilégios. Abaixo, todos os irmãos, indiferenciados porque submetidos ao mais forte (KEHL, 2002, p. 41).

Mas, tudo isso pode ser modificado, desde que haja motivação suficiente. Desde que os pais tenham consciência da liberdade de expressão, compreendam que os filhos apresentam vontades próprias, que estão se formando enquanto sujeitos, sujeitos estes, cheios de dúvidas, informações, curiosidades. É necessário que os pais fiquem atentos para perceber as atitudes que os filhos tomam para satisfazer os seus desejos, e ter perspicácia em identificar as potencialidades das crianças. Uma vez aprendido a produzir algo, liberdade para fazê-los.

A educação moral é muito importante, portanto deve ser prioridade desde cedo, pois ela é absolutamente essencial para o desenvolvimento intelectual e emocional, assim como para o incentivo à utilização das habilidades naturais, visto que oferecem as crianças modelos avançados de pensamento que se transferem com maior facilidade para o intelecto e as emoções.

Depois de passar pela questão da moral podemos enfatizar sobre como lidar com o ciúme da criança. Ele nos é relatado que o mesmo decorre do fato de que as crianças amam, e, é apresentada a idéia de que a primeira coisa a ser dita acerca do ciúme é que representa uma realização no desenvolvimento da criança pequena, indicando sua capacidade de amar. Os primeiros ciúmes manifestam-se, usualmente, em torno da chegada de um novo bebê, ou seja,

qualquer coisa que absorva a atenção e o tempo da mãe pode provocar ciúme. Porém as crianças que conheceram o ciúme e se conciliaram com ele, enriqueceram-se com tal experiência. Nas palavras do próprio Winnicott (1999, p. 56):

Tenho feito para mim mesmo a pergunta: como e quando o ciúme começa? E o que é que tem de existir antes que as palavras ciúme ou inveja possam começar a ser usadas e a fazer sentido? Incluo a palavra inveja porque ciúme e inveja estão intimamente ligadas, pois uma criança que sente ciúme de um novo bebê inveja-o por monopolizar as atenções da mãe.

A relação com a mãe no momento do ciúme acabará incluindo a relação com o pai com o passar do tempo, e acerca da mãe isso se dá em torno da amamentação, que é algo muito vital. É comum vermos crianças tentando reintegrar-se no papel de bebês, mesmo que apenas de uma certa maneira ou por pouco tempo. Para as crianças a chegada de um novo bebê desperta a raiva e o amor. Imaginativamente tudo é danificado, quebrado, visto que em poucas semanas, o ciúme converte-se em algo diferente, a experiência de continuar amando, mesmo por ideias de destruição. E, isso pode ser superado à medida que a criança absorve experiências satisfatórias e faz delas parte integrante do seu eu. Na criança que usufruiu muito amor antes da chegada de um novo bebê, o ciúme absoluto não se manifesta por completo, e ela sabe lidar com isso. Contudo, a criança só é capaz de controlar esse ciúme se os pais a protegerem.

As crianças pequenas não só sentem as coisas com suprema intensidade, mas também não conseguem se desviar da coisa concreta que as está molestando. Elas ainda não tiveram tempo para organizar métodos pessoais para enfrentar ou para repelir sentimentos que são por demais dolorosos, e é por isso que gritam; e é por isso que faz tanta diferença quando você pode ajudar o seu filho pequeno a predizer qualquer coisa que vai acontecer fora do habitual (WINNICOTT, 1999, p. 72).

Para o autor, na criação dos filhos, não se ganha muito em querer visar à perfeição, pois muito do que está errado corrige-se com o tempo ou não se corrige. O ciúme é considerado por ele, algo natural quando associado às crianças pequenas. Como mencionado anteriormente, uma das demandas da sociedade moderna é busca de felicidade, falta do amor ao próximo, dificuldade do respeito mútuo. Com base em Winnicott (1999) ao mencionar sobre o surgimento do ciúme devido um amor construído de forma natural, podemos então pensar que o amor não

é realmente imposto por lei, mas é capaz de surgir através das relações humanas e das relações afetivas.

Citaremos agora algumas coisas que podem irritar as mães e que acontecem diariamente devido a ascensão ao mercado de trabalho, correria do dia a dia, tarefas do lar, entre outras. Às vezes elas possuem sentimentos relacionados aos filhos que nada têm a ver com o amor. Muitas vezes se irritam com os filhos com fatos corriqueiros, como, por exemplo, não poderem conservar o lar arrumado, não terem uma boa noite de sono, ou porque têm que fazer tudo às pressas. Aquilo que, normalmente, deveria ser interessante pode tornar-se incômodo, e assim, perderem o interesse pelas atividades das crianças. Nesses momentos a esposa desejaria ser como o marido, com um trabalho regular e metódico, um horário de trabalho e regulamentos sindicais que o protegem daquelas mesmas coisas que ela considera incômodas e irritantes. Isso, geralmente, decorre do fato de que as mulheres passaram a ocupar diferentes lugares, nos tempos modernos, dentro da família, na sociedade e na própria identidade materna. De acordo com (WINNICOTT, 1999), faz-se necessário, sempre lembrar que existe toda espécie de pais e de crianças, e é nessa base, que se pode discutir as variações sem afirmar que uma espécie é boa e a outra é ruim.

Segundo o autor, ele acredita que por falar com inúmeras mães e observar seus filhos crescerem, as mães que melhor se saem são aquelas que se dedicam à maternidade em tempo integral, abrem mão de algumas realizações pessoais, profissionais, sociais. No decorrer do tempo essas mães podem transformar eventuais perdas em ganhos.

O que ganham é que, no decorrer do tempo, podem recuperar-se, porque seus filhos renunciam gradualmente a esse perpétuo jogo de reivindicações e mostram-se satisfeitos por reconhecer em suas mães indivíduos independentes, como eles próprios rapidamente virão a ser (WINNICOTT, 1999, p. 91).

Já no que diz respeito à segurança, está comprovado que havendo harmonia no casamento, haverá estabilidade na família. Casais com relacionamento saudáveis, que se amam, criam um ambiente de segurança para os filhos. A criança que observa uma amizade especial e uma união emocional entre os pais se sente segura. Os problemas na educação dos filhos podem ser solucionados ou pelo menos minimizados com um casamento sólido e quando se oferece segurança à

criança estamos colocando ela a salvo do inesperado e ao mesmo tempo a protegendo de seus próprios impulsos e dos efeitos que esses impulsos poderiam produzir. Quando a criança percebe mais fraquezas do que pontos positivos no relacionamento dos pais, ela adquire um nível baixo de ansiedade, que gera tensão sobre todas as áreas de aprendizagem. Fazendo contraste com isso, a criança que confia no relacionamento dos pais desfruta da liberdade emocional para seguir com sua vida. Mencionaremos a respeito mais adiante, ao citarmos sobre a família ideal.

Porém, contudo exposto, nos pais, por mais cuidadosos que sejam, há sempre certa tendência para se sentirem culpados com algo; talvez por terem idéias a respeito dos filhos que não estavam esperando – sendo este sentimento de culpa que torna os pais mais sensíveis em relação aos seus filhos, percebendo tudo que há de anormal neles. Os pais que não carregam esse sentimento de culpa, muitas vezes não conseguem perceber essa anormalidade. Para a criança quando ela é capaz de alimentar sentimento de culpa, ela está em condições de distinguir o que é agradável do que é desagradável, ou seja, só o que é real e verdadeiro para a criança.

Mas, as crianças crescem e começa a transição da confiança incondicional para a confiança racional, e essa confiança pode ser conquistada ou perdida, com base na forma como os pais agem, pois sabemos que confiança não é uma emoção, é a certeza das qualidades de uma pessoa, lugar ou coisa.

Segundo Winnicott (1999, p. 146): “Feliz é a criança que, de um modo geral, tem liberdade para enfrentar no dia-a-dia, experiências das novas coisas que vão ficando ao alcance de sua crescente capacidade”.

É considerado muito significativo para a vida da criança saber que existe um código de lealdade a ser seguido por todos e, também, que o que baseia o relacionamento não é o sucesso ou o fracasso e sim, a confiança de que os pais continuarão a amá-los e aceitá-los, mesmo que fracassem.

No interior do lar, a criança beneficia-se imensamente da presença de irmãos com quem os problemas possam ser compartilhados. O fato é que, quando a família permanece intacta há unidade entre os irmãos, cada indivíduo tem diante de si a melhor das oportunidades de iniciar-se na vida social.

Assim, a família contribui de dois modos para a maturidade emocional do indivíduo: de um lado dá-lhe a oportunidade de voltar a ser dependente a qualquer momento, de outro, permite-lhe trocar os pais por uma

família mais ampla, sair desta em direção ao círculo social imediato e abandonar esta unidade por outras ainda maiores.

Desta forma, podemos considerar de importância relevante à participação da família no primeiro processo de formação de sujeito e também a importância da afetividade nos lares para que este indivíduo ultrapasse todas as fases de seu desenvolvimento humano de forma satisfatória não correndo o risco de adoecer ou até mesmo regredir fases nos momentos em que deve seguir em frente, em busca do crescimento pessoal e satisfação, realização e felicidade.

2.1 Subjetividade

Depois de falarmos sobre o papel dos pais no processo de formação de identidade e cidadania, nos debruçaremos sobre os autores: Kehl (2002), Di Giorgi (2004) e Benedetti (2009). As idéias abordadas sobre os autores refletem sobre a sociedade contemporânea, o declínio do poder do pai, problemas de ordem educacional e as dificuldades das famílias em transmitir valores. Bem como as transformações no contexto contemporâneo que interferem na constituição do sujeito.

Outro grande desafio que os pais enfrentam no processo educativo é transmitir valores às crianças, descobrir os traços de caráter que desejam que os filhos tenham, assim como também definir aqueles traços que não desejam ver. Muitas vezes a observação facilita o processo. Observamos atitudes positivas e outras das quais discordamos, nas crianças com quem convivemos. Temos nela a apresentação dos principais pontos de comportamentos apresentando aqueles que têm maiores reflexos nos valores e práticas das culturas e da sociedade e também pontos de maiores reflexos na constituição do sujeito. É necessário um voltar-se para dentro, para o interior. Segundo os autores:

Na subjetivação do sujeito contemporâneo, o mundo externo passa ser considerado como uma construção ou descoberta que se dá através de uma lente interna, de dentro do homem para fora (BENEDETTI, 2009, p. 84).

A subjetividade foi assim constituída e transformada em referencial central e às vezes exclusivo para o conhecimento e a verdade. A verdade habita a

consciência: é o que proclamam racionalistas e empiristas. Desde Descartes, a representação é o lugar de morada da verdade, sendo o problema central o de saber se chegamos a ela pela via da razão ou pela via da experiência. Racionalistas e empiristas diferem sobre tudo quanto ao caminho a tomar, mas ambos já sabem aonde querem ir: ao reino da verdade, da universalidade, da identidade (ROZA, 1998, p. 9).

A identidade precisa ser construída, explorar a construção da subjetividade é necessário na sociedade contemporânea, existem aspectos globais, tais como: rede de comunicação, isolamento de elites, competitividade entre outros, ligados à relação de consumo que contribuíram para a perda de valores humanos. É imprescindível que os pais possibilitem a construção da subjetividade e não apenas a imposição de normas e papéis já construídos. O sujeito apresenta maiores possibilidades de se desenvolver de forma plena quando esta diante de pais maduros, conscientes de seus direitos e deveres.

Reconhecer o outro como sujeito, ser capaz de criar possibilidades e condições para a felicidade própria, dos outros, da família, é garantir a sobrevivência da democracia, como afirma Di Giorgi (2004, p. 48):

É preciso desenvolver a capacidade dos seres humanos de, individual e coletivamente, se libertarem de comunidades e mercados e organizarem suas experiências, hoje mais fragmentada do que nunca. Uma vez que as instituições perderam quase toda a sua antiga capacidade de socialização, não se trata mais de pensar a formação do cidadão produzido pelas instituições, que subordinariam seus interesses e afetos privados aos interesses superiores da Sociedade, da Nação e da Razão, que coincidiram em última análise (ainda que ele não o percebesse a primeira vista) com seus interesses mais profundos. Sabe-se que hoje essa pretensa feliz coincidência não se sustenta de forma alguma. O sujeito tem uma história e uma memória individual e coletiva, e é produto delas. É preciso combinar de forma inédita a ser criada e recriada, afeto e razão.

Os pais devem transmitir aos filhos valores éticos, de maneira clara, justa e objetiva desde cedo, e os filhos precisam entender que possuem responsabilidades. A responsabilidade, o respeito, o bem são consequências da confiança que os pais depositam nos filhos para realização de algo que lhes cabe naturalmente.

Existe um mal que é praticado, por assim dizer, a despeito da lei moral, por interesses egoístas que o sujeito pode eventualmente deixar passar à frente do bem do outro. Esse mal, ainda assim, é orientado por uma busca de felicidade que não se opõe, ao menos de maneira absoluta, às condições da vida em sociedade. Mas existe o mal que se apóia numa inversão completa dos motivos que deveriam nortear a ação moral (KEHL, 2002, p. 90).

A imposição dos limites depende dos pais uma vez que a gratificação da gestação deve ser inerente e gratuita. O filho desejado e esperado recebe naturalmente de seus pais os cuidados que somente o amor traduz. Como diz o ditado popular, “quem ama, cuida”. Desta forma, os provedores da família devem estar preparados para a construção de um lar saudável e estruturado o suficiente para se educar e orientar na formação de cada indivíduo envolvido nesta instituição.

2.2 Família Tradicional x Família Contemporânea

Somos testemunhas do grande processo de transformação que toda sociedade humana sofre e automaticamente interfere diretamente na instituição familiar. A realização da pessoa encontra-se na família, tanto no plano individual como social. Penetrar no contexto histórico que ocasionou as transformações, torna-se fundamental.

A família tradicional é aquela constituída por um pai e uma mãe e seus progenitores.

No meado do século XVIII, a família tradicional vivia nos campos de forma agrupada como células, conhecida como família nuclear. As funções tradicionalmente eram divididas entre os dois, o pai era o provedor do lar e a mãe assumia o trabalho doméstico e os cuidados com os filhos. Benedetti (2009) afirma que a vinda para a cidade, à industrialização, a informação por meios de comunicação, entre outros elementos ligados as relações de consumo promoveu redução ao número de filhos e a família ficou reduzida ao seu interior.

O avanço tecnológico promoveu uma nova realidade voltada para o consumo quase que compulsivo pela inovação constante dos produtos oferecidos, provocando o aumento do orçamento familiar. Daí a necessidade da redução da prole para a satisfação dos desejos de consumo.

Por um lado a um aumento de consumo do mercado cada vez mais ocorre. Paralelamente o distanciamento das classes econômicas, níveis educacionais e conseqüentemente o aumento da criminalidade gerando insegurança nas famílias.

Observa-se que hábitos outrora cotidianos como, por exemplo: encontro de vizinhos nas calçadas, casa com as portas abertas, crianças brincando na rua, entre outros comportamentos foram abolidos por medida de segurança. Tais medidas explicam o porquê da convivência atualmente mais restrita a ambientes fechados e ao espaço do próprio lar.

No final deste mesmo século, a mulher internalizou o papel de boa mãe: uma mãe dedicada, responsável pelo espaço privado e representado pela família. Mas, no século XX, a mãe passou a ocupar um lugar de poder, constituindo uma identidade principal, a da mulher impulsionada por interesses do Estado. E esta conquista dentro do grupo familiar promoveu o declínio do poder do pai. Assim, as mulheres transcendem o lugar de mães através de sua entrada no mercado de trabalho. O vínculo familiar através dos laços conjugais não são mais considerados essenciais para garantir as linhagens e apresentar um modelo aos cuidados com as crianças. Devido a essa situação apresentada, surgiu a necessidade dos outros conjuntos institucionais auxiliarem a família para formar sujeitos.

No mundo contemporâneo, observamos a restrição das relações interpessoais em decorrência da violência nas grandes cidades, do estímulo ao convívio restrito à família e ao par amoroso e da produção da subjetividade individualizada a ilusão criada pela televisão de que o telespectador participa das situações reproduzidas na tela contribui para com essa restrição, produzindo o espaço público mediatizado (SOUZA, 2004, p. 82).

A evolução da família demonstra a perda de algumas funções tradicionais. Perdeu a função política, econômica, educativa, paterna e de segurança.

A preocupação maior é a decadência da família pelo desvirtuamento dos valores tradicionais, da lei da autoridade, da lei do paternalismo, devido à adesão ao modelo familiar por parte de antigas ameaças à família. Um problema muito sério é a família estar perdendo a capacidade de sobreviver a essas pressões. As mudanças quanto aos valores éticos e morais estão fazendo com que se perca o sentido de uma nova ética neste novo contexto de família.

Muitas famílias, ainda, mantêm a fidelidade aos valores que constituem o fundamento familiar preservando, esta associação considerada a mais importante para o desenvolvimento da vida humana. Outras se tornam incertas e

com muitas dúvidas em relação a seus deveres, causando os mais variados problemas de ordem educacional.

Instituições como a escola, a igreja, o estado, as ONGs e outras, deveriam aproximar-se e propor uma estrutura educacional. Cabe, primordialmente, a família a tarefa de educar, mas não pode fazer tudo sozinha, e sendo a responsável pela origem de todo o processo educativo, automaticamente é sobre a mesma que recaem as cobranças e queixas advindas das outras comunidades.

Tedesco desenvolve a idéia da existência de um “déficit de socialização” na sociedade contemporânea: vivemos num período no qual as instituições educativas tradicionais – particularmente a família e a escola – estão perdendo a capacidade de transmitir com eficácia valores e normas culturais de coesão social. Este déficit não é coberto por outros agentes de socialização (DI GIORGI, 2004, p. 64).

Por serem os pais os membros responsáveis pela composição familiar e geradores da vida, é muito importante que se inicie o processo a partir da educação dos filhos ainda bem jovens. Assim, eles aprendem desde cedo os valores éticos e morais.

Nem mesmo nas sociedades individualistas é possível que o homem se pense como autor de sua existência, à custa de perder sua base de sustentação subjetiva. Reconhecer a filiação significa, por um lado, reconhecer a dívida simbólica: o sujeito deve sua entrada no mundo a pai e mãe, que desejaram seu nascimento ou, no mínimo, o reconheceram e lhe deram seu sobrenome, somado a um nome próprio que é, também este carregado de sentido (KEHL, 2002, p. 105).

Agora, se os jovens devem ser educados num primeiro momento para poderem receber educação primária para que aprendam desde cedo, os valores éticos e morais, é necessário que estes pais tenham também condições de fazê-lo com dignidade e responsabilidade. Desta forma, a educação deve ser permanente, uma vez que os seres humanos são capazes de transformação e adaptação.

Apesar de tudo, a família mesmo afetada por estas mudanças sócio-culturais, éticas e religiosas reage às transformações, adaptando-se e encontrando novas formas de organização.

As mudanças muitas vezes não são necessariamente ruins. Elas podem ser boas. Devemos desejá-las para poder manejá-las adequadamente e ter bons resultados. Menciona-se, como exemplo, o nascimento de um bebê ou um

novo emprego. Apesar de num primeiro momento trazer dificuldades, logo a família recupera o equilíbrio e segue, normalmente, com a vida.

Reiterando o que já foi dito, a família é a maior organização humana; um grupo com conexão entre consangüinidade e afinidade. Portanto, todos os membros envolvidos devem cumprir seus respectivos papéis em harmonia para que os resultados sejam satisfatórios, pois é extremamente natural que as pessoas busquem ser felizes.

A família é um espaço em que as máscaras devem dar lugar à face transparente, sem disfarces. O diálogo não tem preço. Se em outros tempos bastava um olhar severo para corrigir o comportamento, hoje se vive na era do “por quê”. E com razão. A família autoritária perpetua a sociedade autoritária. Faz permanecer na mente de seus membros os ideais de obediência e submissão, de cópia sem questionamento dos padrões estabelecidos. O indivíduo que somente aprende a obedecer não estará preparado para a sociedade complexa deste novo milênio. A preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades da família (CHALITA, 2001, p. 21).

Existe um mal que é praticado, por assim dizer, a despeito da lei moral, por interesses egoístas que o sujeito pode eventualmente deixar passar à frente do bem do outro. Esse mal, ainda assim, é orientado por uma busca de felicidade que não se opõe, ao menos de maneira absoluta, às condições da vida em sociedade. Mas existe o mal que se apóia numa inversão completa dos motivos que deveriam nortear a ação moral (KEHL, 2002, p. 90).

Citado pela autora, a banalidade do mal nasce do vazio do pensamento, os homens no mundo moderno, se vêem dispensados de pensar, agem de acordo com os impulsos, em busca do princípio do prazer descartando o princípio da realidade. Desta forma, ocorre uma ruptura entre a lei moral e o prazer. É necessário criar uma concordância entre o bem e o prazer. A autora diz que:

Sobre esse ideário da libertação das irracionalidades das mais diversas amarras – da religião, da superstição, da eliminação do uso arbitrário do poder, da ruptura com a tradição -, com os valores da igualdade, da liberdade, da crença na inteligência humana e na razão universal, o iluminismo vislumbra o esclarecimento humano que, a partir do acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente, conduziria a emancipação humana (BENEDETTI, 2009, p. 67).

Podemos até mesmo citar a própria bíblia de forma licenciosa na busca de uma metáfora que represente a busca humana incessante pela harmonia que subsidie a felicidade. A felicidade familiar depende principalmente do fato de

reconhecemos que a família se origina do que Jesus chamou de “NOSSO PAI” (Mateus 6:9).

Deus criou os primeiros humanos Adão e Eva, e os uniu como marido e mulher. Colocou-os num belo lar “Jardim do Éden” e disse-lhes que tivessem filhos. “Sede fecundos e tornai-vos muitos e encheis a terra” (Gênesis 1:26; 2:18; 21-24). Jesus mostrou que o relato de Gênesis sobre o início da vida familiar é verdadeiro (Mateus 19:45).

Embora enfrente muitos problemas e a vida não é como gostaria que fosse, tem que se acreditar que a felicidade na família seja possível.

Cada membro da família pode contribuir para a felicidade da vida familiar através do amor, respeito mútuo, ética.

O amor se estabelece através do vínculo familiar, não deve ser imposto como lei. A família é o ambiente privilegiado onde cada pessoa aprende a dar e receber amor. É a primeira sociedade natural, que exerce papel primordial na socialização das pessoas, na preservação da vida e na vivência do amor. A Bíblia como a escola impõe um modelo único onde aqueles que estão arcaicos, estão completos e felizes, mas nem todos se enquadram e estes modelos e assim estão condenados *ad-eternum* exclusão e infelicidade. Kehl (2002, p. 20) afirma que: “[...] este é um apelo ao amor, sempre muito perigoso quando se trata de estabelecer uma regulamentação que deve funcionar de forma automática e generalizada diante dos pequenos conflitos da vida em sociedade”.

Não estamos dizendo que o amor tem que ser imposto como lei, mesmo porque na sociedade moderna convivemos diariamente com número enorme de pessoas, basta que possamos produzir sentimentos de respeito. Kehl (2002, p. 27) alerta que: “[...] é impossível basear uma ética em critérios puramente abstratos, que não levem em conta os afetos, os aspectos particulares de cada escolha, a condição subjetiva de cada escolha”.

A concepção de família na sociedade contemporânea tem na individualidade uma característica predominantemente. O individualismo tomou conta dos hábitos contemporâneos. Novas configurações de família estão presentes no atual contexto sendo elas: mono parental, onde só o pai ou só a mãe constituem-se e se responsabilizam pela estruturação desta família; famílias compostas por homossexuais; famílias que trazem de outros casamentos filhos; famílias com filhos adotivos; famílias compostas por viúvos e viúvas. Segundo Russo (1997, p. 9): “Esta

concepção de sujeito uno, autônomo, dono de sua razão, revela-se problemática, quando se trata da análise da interioridade, da também moderna dimensão psicológica individual”.

Claro que a família tradicional também está exposta aos problemas como: ascensão da mulher ao mercado de trabalho, pai e mãe fora de casa, situações que a nova sociedade apresenta de acordo com sua evolução, contudo, o apelo é pela busca de felicidade, de satisfação, de educação, de proteção, mas não em detrimento da renúncia de conceitos éticos que norteiam a dinâmica das relações. Ao falar de felicidade, é o mesmo que falar de bem estar. O que parece ser necessário nesta sociedade contemporânea é buscar identificar papéis e definir responsáveis para a educação, ética e cidadania e até mesmo condições de transmissão da lei.

De acordo com Kehl (2002) é preciso repensar os fundamentos éticos que na relação com o eu possibilita identificar a diferença entre um homem de bem e um imoral a partir da descoberta do inconsciente. Esta descoberta estaria associada à existência do sujeito. O sentido da vida não poderia ser individual, mas coletivo com uma participação significativa da cultura e do simbolismo.

O homem contemporâneo quer ser despojado não apenas da angústia de viver, mas também da responsabilidade de arcar com ela; quer delegar à competência médica e às intervenções químicas a questão fundamental dos destinos das pulsões; quer, enfim, eliminar a inquietação que o habita em vez de indagar seu sentido. Mas não percebe que é por isso mesmo que a vida lhe parece cada vez mais vazia, mas insignificante. (KEHL, 2002, p. 8)

O sujeito da sociedade contemporânea é centrado no eu e carente de ser, ou talvez, até mesmo carente de pai, carente do outro.

O pai ao qual se refere aqui, não é necessariamente ao pai biológico, mas um pai representante da lei, que protege, educa e orienta. Seguindo ainda o pensamento de KEHL (2002, p. 40) “O cidadão das democracias modernas é muito mais órfão de filiação simbólica, muito mais desamparado da autoridade paterna e muito mais carente de ser do que o cidadão da polis grega”.

O primeiro apelo é na verdade, voltado à família e às mães justamente porque são potencialmente os mais atentos aos seres humanos vistos em sua globalidade, isso não exclui a importância da presença dos educadores e de todos aqueles que zelam pelo desenvolvimento de cada indivíduo.

Seguiremos assim, para o segundo capítulo, na qual abordaremos sobre a contribuição da escola e professores neste processo de formação de subjetividade de sujeito e formação de cidadania.

3 O PAPEL DA ESCOLA

3.1 O Papel da Afetividade para a Formação do Conhecimento

O desenvolvimento infantil adquire um novo rumo, a partir do momento em que a criança entra na escola. A vida da criança passa a ser dirigida não somente pelo meio familiar, mas também segundo as condições estabelecidas pela escola, onde adquire novos amigos, convive em grupo, obedece aos horários, respeita regras, tendo sua vida administrada por esta instituição.

Sob esta ótica, encontramos em PIAGET (1964, p. 149) uma referencia a importância dos aspectos afetivos e cognitivo na construção do conhecimento, quando enuncia que “[...] existe um estreito paralelismo entre o desenvolvimento da afetividade e das funções intelectuais, já que estes são aspectos indissociáveis de cada ação”.

Considerando esse enfoque, segundo Silva:

[...] a construção do conhecimento só pode ser pensada através de uma aliança entre três grandes eixos: a dimensão cognitiva, bem como pela estruturação dessa ação em percepções, organizações e conceitos, constituindo assim o sujeito epistêmico (SILVA, 1998, p.149).

É indiscutível que a escola tenha um papel importante na formação do indivíduo. As experiências e os conhecimentos construídos e vivenciados na escola possuem um importante significado para o desenvolvimento social e afetivo da criança, desse modo a escola tem um papel relevante no desenvolvimento infantil.

A experiência nos revela que saber lidar com as circunstâncias emocionais na sala de aula, muito freqüentes nos alunos da faixa etária entre três e seis anos, é uma garantia para o desenvolvimento das atividades escolares. Ao mesmo tempo, é muito difícil atuar numa situação tipicamente emocional sem se deixar dominar por ela.

É evidente que a pré-escola é um espaço onde as emoções são mais freqüentes e transparentes e o professor tem um papel essencial no desenvolvimento afetivo da criança. Para muitas, o afeto da professora pode significar a continuação da permanência na escola. A entrada na escola sempre é uma situação delicada e difícil, pois representa o primeiro afastamento da família, situação para a qual, freqüentemente, as crianças não estão preparadas. A escola, como espaço legítimo para a educação da

criança, deveria procurar articular a união da vida afetiva com a vida intelectual para, ao mesmo tempo, nos limites das suas atividades educacionais, promover o desenvolvimento de ambas. A preocupação deste trabalho centralizou-se no professor, em conhecer com ele se posiciona diante do fenômeno da emoção.

Acredita-se na possibilidade de controle das emoções, o que se faz urgente na medida em que ficar a seu serviço traz prejuízos à vida humana. O adulto, neste caso o professor, deve ter clareza sobre o que é emoção, como funciona, para poder administrá-la em si e no outro. É um grande desafio, uma vez que os progressos da inteligência, responsabilidade do professor, dependem, em grande parte, do desenvolvimento da afetividade (ALMEIDA, 2004, p. 14-15).

Contudo, a ausência de uma educação que aborde a emoção na sala de aula traz prejuízos para a ação pedagógica, pois suas conseqüências atingem não só o professor, mas também o aluno.

Tomando por base as pesquisas do psicólogo francês Henri Wallon (apud ALMEIDA, 2004), discute-se a necessidade, por parte da escola, em compreender o aluno em sua totalidade, pois para ele, o cérebro é condição necessária, embora não suficiente para a constituição da consciência, onde a afetividade tem um papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade que por sua vez, constitui-se sob a alternância dos domínios funcionais, assim como a maturação funcional e a condição específica das relações da criança com o meio.

Ainda na opinião de Wallon (apud ALMEIDA 2004), a criança apropria-se dos bens culturais e, provavelmente ingressa como elemento do meio social na medida em que domina os instrumentos de origem social, pois a linguagem e os diversos sistemas de símbolos possibilitam ultrapassar o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta.

Nesse período, as relações familiares exercem um papel ordenador para a vida da criança. Daqui resulta o importante papel do meio para a evolução da criança. A importância nas relações humanas para o crescimento do homem esta escrita na própria história da humanidade. O meio é uma circunstancia necessária para a modelagem do individuo. Sem ele a civilização não existiria, pois foi graças à agregação dos grupos que a humanidade pode construir seus valores, os seus papéis, a própria sociedade (ALMEIDA, 2004, p. 45).

Visto que a emoção envolve, ao mesmo tempo, o aspecto fisiológico e o componente social, existem uma base orgânica que esta ligada ao sistema nervoso e ela é modificada, transformada nas relações sociais, isto é, nas trocas e

interações que se dão entre indivíduos. No entanto sincronicamente com o surgimento das emoções, a criança vai maximizando suas relações pessoais.

Aos poucos, com a diversificação do meio social, a formação dos grupos através da entrada na escola, vão-se realizando conquistas afetivas como a diferenciação de si e do outro e, conseqüentemente, o estabelecimento das bases da construção do eu.

No decorrer do desenvolvimento, a afetividade é construída sob diferentes níveis de relações, seja em virtude das condições maturacionais, seja em virtude das características sociais de cada idade. Sobretudo, as relações que definirão o crescimento íntimo do indivíduo serão mais complexas quanto maior for à idade da criança (ALMEIDA, 2004, p. 46-48).

Verifica-se que a emoção tem expressamente sinais que anunciam sua chegada. Desta maneira, de acordo com Almeida (2004), podemos citar as três emoções básicas: alegria, cólera e medo.

A alegria é representada como uma emoção positiva, ela tanto pode ser fruto do movimento, quanto pode revelar o movimento como um de seus efeitos. Ao contrário da tristeza, que traduz uma diminuição de atividade, a alegria caracteriza-se pela liberação do tono, onde o tono da alegria é escoado pelo movimento. Cólera apresenta-se no indivíduo através de espasmos de origem visceral e motor. Tanto a pluralidade quanto a intensidade de suas manifestações são peculiares em cada indivíduo e dependem, também, de excitações das mais diversas origens. Portanto, a cólera ao mesmo tempo em que é eufórica, é também regressiva, pois os limites de sua exacerbação podem assinalar o início de sua dissolução. O medo é a primeira emoção experimentada pela criança e ele orienta as atividades do recém-nascido que, a qualquer sinal de ruído, pode modificar a posição de sua cabeça. O medo nasce da incapacidade de reagir e da ausência de controle das atitudes. Os diversos graus e formas em que o medo se apresenta no indivíduo podem depender do conhecimento ou não dos estímulos ambientais.

No que diz respeito à emoção e inteligência, Wallon (apud ALMEIDA, 2004) alerta sobre a necessidade de lidar com dois aspectos da natureza humana que são, ao mesmo tempo, antagônicos e complementares, sendo a emoção e inteligência duas propriedades inseparáveis da atividade humana. Assim, a emoção instiga a inteligência toda vez que a ameaça com sua insubordinada presença na atividade do conhecimento, a inteligência por sua vez, necessita dos tormentos da emoção para ser estimulada a se desenvolver.

Contudo, ao mesmo tempo, em que a afetividade se estende no desenvolvimento do sujeito, a inteligência, por sua vez, segue os seus passos.

Segundo H. Dantas (apud ALMEIDA, 2004, p. 89), “[...] à medida que a inteligência vai atingindo novos estágios, a afetividade vai se relacionando, pois as conquistas realizadas no plano da inteligência são, por sua vez, incorporadas ao plano da afetividade”.

Pode-se dizer que à escola e ao professor é delegado um importante papel social, qual seja o de compreender o aluno no âmbito de sua dimensão humana, na qual tanto os aspectos intelectuais quanto os aspectos afetivos estão presentes e se interpretam em todas as manifestações do conhecimento. Portanto, a escola não deve negligenciar, subestimar ou até mesmo suprimir o espaço da emoção em suas atividades. O professor deve permitir que a emoção se exprima, para o que é essencial, entender como ela funciona para não entrar no circuito perverso e, assim, dificultar o desenvolvimento emocional da criança.

Afinal, é a emoção que estabelece o vínculo entre o eu e o mundo humano, é ela o instrumento, ela proporciona o laço que une a vida orgânica à vida psíquica. Por conseguinte, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança, assim, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto deve estar presente.

Os elementos mais importantes quando se pretende compreender o processo de aprendizagem dos indivíduos é o aspecto afetivo. Situações como abandono, agressão física e verbal, abuso sexual, a separação dos pais, a perda de um dos progenitores, um ambiente desfavorável à manifestação afetiva, são variáveis intervenientes no processo de aprendizagem humana.

Assim, a manifestação de um baixo desempenho bem como do surgimento de dificuldades de aprendizagem, deve ser sempre motivo de preocupação e atenção por parte dos pais e educadores.

Dessa maneira, a afetividade se refere tanto aos sentidos propriamente ditos e as emoções como aos aspectos referentes às tendências e às vontades.

Para Piaget (apud MARTINELLI, 2001, P. 101): “[...] toda conduta, seja ela de origem afetiva ou cognitiva, é sempre adaptativa, e nesse sentido visa sempre o restabelecimento do equilíbrio entre o organismo e o meio”. Para ele, a

afetividade seria a energia do qual depende da inteligência, sem, contudo modificar as estruturas intelectuais.

Freud (apud MARTINELLI, 2001) também procura estabelecer uma relação entre os aspectos cognitivos e os impulsos afetivos no decorrer do processo de desenvolvimento do indivíduo defendendo a idéia de que o elemento que sustenta a inteligência e o faz caminhar é a investigação sexual. O primeiro interesse de investigação da criança é o saber o seu lugar no mundo.

Então, para Freud (apud MARTINELLI, 2001, p. 103): “[...] a afetividade ou os impulsos sexuais são o motor do desenvolvimento psicológico do indivíduo, representados através de dois processos básicos, a intelectualização e a racionalização”.

Podemos sustentar então que tanto para Piaget como para Freud o cognitivo e afetividade estão imbricados no processo de aprendizagem.

A possibilidade de medir certos domínios relativos ao desenvolvimento sejam eles relacionados aos aspectos cognitivos, sociais, familiares, de aprendizagem ou afetivos, permitiu à psicologia avançar em seus estudos sobre as diferenças individuais e a subjetividade, de cada indivíduo. E, na tentativa de ampliar conhecimentos sobre aspectos da personalidade, alguns pesquisadores utilizaram instrumentos de medidas específicos para avaliar aspectos relacionados às emoções, sentidos e percepções, e assim, através dessas pesquisas que se tem obtido dados mais consistentes no estudo das relações entre cognição e afetos.

Contudo, podemos enfatizar que cognição e afeto são vistos como fatores-chave na compreensão e no sucesso do funcionamento do indivíduo.

A Psicopégia tem sido identificada como a área de estudos responsáveis por estudar e objetivar compreender as dificuldades encontradas no campo das aprendizagens humanas.

Diversos problemas de aprendizagem elencados nos compêndios que tratam sobre o tema: dislexia, transtorno de atenção e hiperatividade, de ordem pedagógica, desmotivação por parte dos professores e alunos. Geralmente algumas crianças vivem em ambientes com regras rígidas e inflexíveis e que muitas vezes apresentam dificuldades em entender o seu papel na instituição e muitas das dificuldades de aprendizagem podem ocorrer relacionadas a outras situações ainda muito específicas como: ansiedades e fobias, ligados a esfera emocional.

Conseqüentemente, em relação à questão de aprendizagem, muitos professores e profissionais envolvidos diretamente com o ensino, enfatizam que bom ajustamento afetivo é condição necessária ao pleno desenvolvimento de nossas crianças e adolescentes. As pesquisas têm demonstrado que uma criança que vive em um ambiente familiar equilibrado e que lhe oferece condições mínimas de experimentar e expressar suas emoções tem chances de lidar com maior segurança e tranquilidade com seus sentimentos e pode, dessa maneira, trabalhar com seus sucessos e fracassos de forma mais adequada.

Não podendo deixar de considerar também que uma criança ou adolescente que se vê diante da eminência de fracasso tende a buscar uma maneira de compensar a frustração vivida. Esse, entre uma série de outros elementos, pode, em um determinado momento, interferir no comportamento dos indivíduos, bem como, sobre o seu processo de aprendizagem, afetando o seu rendimento escolar.

Porém, embora não se saiba exatamente como todos esses elementos se relacionam, sabe-se da importância de cada um deles no desenvolvimento individual e assim, propicia um ambiente favorável à aprendizagem em que sejam trabalhados: a auto-estima, a confiança, o respeito mútuo, a valorização do aluno, sem, contudo esquecer a importância de um ambiente desafiador.

Já para Scoz (1994), a aprendizagem tem três funções: a função socializadora, a função repressiva e a função transformadora. Para ela os problemas de aprendizagem são considerados, não como o contrário de aprender, mas como um estado particular de um sistema e a esse sentido ela oferece duas contribuições a Psicopedagogia que são: a necessidade de se observar a maneira peculiar e singular com que cada sujeito se mantém ignorando e a necessidade de se mudar a concepção de problema de aprendizagem, adotando-se uma visão sem preconceitos daqueles que fazem algo diferente da norma.

3.2 A Contribuição da Psicopedagogia para o Processo Educacional

A Associação Brasileira de Psicopedagogia tem contribuído para que a Psicopedagogia assuma uma nova função no cenário educacional brasileiro e com

o crescente avanço nesse campo, os psicopedagogos sentiram a necessidade de aprimorar a própria formação adquirindo conhecimentos multidisciplinares, promovendo cursos, palestras, conferências, seminários, etc. Contando com a liderança de profissionais de diferentes áreas de atuação, tendo como objetivo enfatizar a Psicopedagogia como capaz de oferecer alternativas de ação no sentido de uma transformação, e com isso além de dominar a patologia e a etiologia dos problemas de aprendizagem, aprofunda conhecimentos que lhe possibilitam uma contribuição efetiva, não só relacionada aos problemas de aprendizagem, mas, também, na melhoria da qualidade do ensino oferecido nas escolas.

No entanto, uma vez que o objetivo deste trabalho não é apenas levantar os problemas de aprendizagem apontados pelos professores, mas também tentar compreender o que exatamente pode ser um problema de aprendizagem.

É sabido que há um grande número de alunos que requerem atenção educacional diferenciada e dentro das categorias dificuldades de aprendizagem podem ser encontrados, alunos com problemas situacionais de aprendizagem, problemas de comportamento, problemas emocionais, problemas educacionais, problemas de comunicação, problemas físicos, e, por fim, problemas múltiplos.

Há aqueles que acreditam que tais dificuldades são ocasionadas por problemas cerebrais ou neurológicos, outros atribuem as dificuldades de aprendizagem a distúrbios de natureza bioquímica e ainda os que afirmam que as dificuldades de aprendizagem são decorrentes da interação entre qualidade da instrução e as características afetivas – emocionais e motivacionais dos alunos e professores.

Segundo Martin e Marchesi (1996) as dificuldades de ensino/aprendizagem estariam relacionadas a dificuldades dos alunos para colocar em prática rotinas de planejamento e controle dos processos cognitivos, envolvidos na realização de uma dada tarefa.

No Brasil, as dificuldades de aprendizagem são centralizadas no alto índice de repetição e de evasão escolar (PATTO, 1993).

De acordo com os estudos de Boruchovitch (2001) os alunos brasileiros demonstram que os fatores mais apontados como responsáveis são as características (físicas, cognitivas, emocionais e comportamentais) dos alunos e de suas famílias, revelando uma visão mais restrita do problema, por parte desses

profissionais, sem deixar de mencionar sobre a questão motivacional das pessoas envolvidas no processo.

Para Leite (apud BORUCHOVITCH, 2001), descreve os fatores como aqueles mais relacionados, sobretudo a ineficácia das práticas escolares, a burocracia pedagógica e a inadequação dos cursos de formação de professores. Já os fatores extra-escolares seriam aqueles caracterizados pelas condições socioeconômicas dos alunos.

O estudo de motivação humana vem sendo marcado por diferentes abordagens ao longo da história, e é onde a motivação humana é determinada por crenças individuais que precisam ser conhecidas, já que estas exercem influência direta no comportamento humano. Contudo, a motivação para aprendizagem vem sendo definida como a iniciação e manutenção do comportamento com o objetivo de atingir resultados que é definido por meta de aprendizagem e meta de realização.

O processo de aprendizagem pode ser comparado a uma teia entrelaçada, onde os fios que a constituem identificam-se, de um lado, pelas aquisições específicas que compõem as estruturas cognitivas e, de outro, pela estrutura desejante do sujeito.

Tomando por base esses paradigmas, pode-se inferir que à capacidade de pensar encontra-se diretamente relacionada à capacidade de criar símbolos, uma vez que o inconsciente marca com a representação os esquemas cognitivos.

Para Freud (1907): “[...] o estudo se manifesta na consciência, ressaltando a importância do inconsciente na vida mental, ao afirmar que tudo que se manifesta na consciência esteve antes reprimido no inconsciente”.

Ao contrário do que se pensava, com o surgimento da psicanálise, rompeu-se o paradigma da consciência quando, em 1900, postulou-se a noção de inconsciente, caracterizando-o como um grande *iceberg* submerso, representativo da vida psíquica. Tal descoberta nos remota a necessidade de se repensar a construção do conhecimento para além da consciência. Não se pode esquecer que tanto à dimensão cognitiva, quanto à dimensão relacional, apresentam representações no aparelho psíquico, funcionando consciente ou inconscientemente (PARGA, 2001, p. 150).

Portanto, para compreendermos a construção do conhecimento devemos relacionar o princípio do prazer ao princípio da realidade, e por esta razão, deve-se considerar a condição desiderativa do ser cognoscente como constituinte

fundamental no processo de construção do conhecimento. Assim, pode-se afirmar que o ser cognoscente é obstruído por um novo saber.

Nesse sentido Lacan (1979) apresenta a diferença entre o sujeito que pensa e o sujeito que se é ao propor a diferença entre o significado e o significante. Numa outra perspectiva, Deleuze (1974) apresenta uma diferenciação entre o significado e o sentido. Sendo o significado relacionado ao conceito dos objetos, e o sentido derivado justamente do “sem-sentido”. Em síntese, o sentido formula o desejo e revela o próprio sujeito.

Contudo, para refletir sobre o enigma do desejo de aprender é preciso refletir sobre a função da ignorância, sendo que a mesma pode ser considerada como uma forma de saber, que pode ser apresentada como uma diretriz. O desejo de não desejar.

Nesse sentido, Fernandez (1990) afirma que para entendermos o aprisionamento no qual a inteligência se encontra deve-se analisar o interjogo dos fatores que influenciam a construção do conhecimento. Por essa razão, a partir do recorte teórico da psicopedagogia é preciso caminhar na direção da compreensão da criança enquanto um sujeito da aprendizagem; um ser único e singular, que traz consigo uma história de vida, proveniente de um determinado ambiente psicológico, familiar e cultural, sendo portador de um nível cognitivo específico (PARGA, 2001, p. 155).

Contudo, a dificuldade de aprendizagem é resultante de conflito que se encontra diretamente selecionado a metodológica pedagógica. Já nos quadros de inibição cognitiva percebe-se a evitação do contato com o objeto do pensamento, a qual o sujeito evita aprender.

A partir da Psicopedagogia pode-se inferir que a etiologia do problema de aprendizagem não se encontra unicamente na estrutura individual, uma vez que o sintoma também se inscreve na trama particular dos vínculos familiares. Nesse sentido, percebe-se que a grande dificuldade da criança em se autorizar, a saber, reside exatamente na não aceitação por parte de sua mãe com a possibilidade de errar.

Verifica-se, realmente, que as crianças com problemas de aprendizagem, apresentam dificuldades de estabelecer vínculos, bem como de aprender a se relacionar, caracterizando o surgimento de um sintoma no processo de adaptação.

Partiremos para a apresentação do papel ideal do educador neste processo de aprendizagem, bem como, na formação de sujeito e cidadania. É claro que neste tópico não temos a intenção de impor regras e padrões de forma pré-estabelecidas, mas apresentar idéias que possam contribuir de maneira positiva na atuação do professor nesta tarefa de educar para a cidadania.

3.3 O Papel do Professor Nesta Nova Proposta

“A tarefa de todo educador, não apenas do professor, é a de formar seres humanos felizes e equilibrados”. (CHALITA, 2001, p. 13).

Todo profissional da educação deve se preocupar com o processo ensino/aprendizagem, bem dizer, com o ensinar bem e aprender bem, pois a grande preocupação esta em formar sujeitos cidadãos através da relação afetiva entre professor e aluno.

O professor tem um papel principal no desempenho escolar, é impossível desconhecer que sem professor não se faz escola e, conseqüentemente, é fundamental aprofundar estudos sobre ele. Ainda mais quando, a partir da leitura da realidade, percebe-se as relações de poder permeiam o papel do professor e são, ao mesmo tempo, causa e conseqüência da realidade escolar (CUNHA, 1989, p. 27).

O professor nos séculos passados era considerado o mestre, visto como modelo a seguir, comparado às pessoas que representavam os mais altos padrões da elite social. Na sociedade contemporânea mesmo não tendo o mesmo prestígio, não sendo tão respeitado, ou os mesmos salários, ainda são muitas vezes apontados, apresentados, cobrados e comparados como alguém que deve impor respeito, implantar limites e educar alunos, formar sujeitos e manter a ordem.

A pessoa do professor nasceu numa época em que sua identidade profissional interferia no seu modo de ser e agir, preocupado com autoimagem perante a sociedade, colocando a profissão em primeiro lugar. Hoje o que se percebe é que alguns desses profissionais não têm mais preocupação com sua imagem de educador, trabalham apenas para cumprir seu horário, sem comprometimento. Não se conscientizam que além de transmitir o conhecimento

devem se preocupar com a educação do aluno. E o melhor meio é a pedagogia do exemplo.

A formação da ética é decisiva para constituição, formação de sujeito, para sua individualidade, independência, autonomia acompanhada de ética, respeito pelo outro e socialização.

Todo o processo de ensino aprendizagem deve estar associado à formação de cidadania, onde o sujeito possa ser capaz de atuar e participar não apenas dentro da escola, mas também fora dela.

Diante a essa realidade a formação do sujeito cidadão assume outro papel dentro da escola, não basta simplesmente proporcionar educação escolar, é necessário uma educação permanente associada a outras instituições e para iniciar-se deve ser oferecido pela família, o que não vem ocorrendo.

Seguindo o pensamento de Di Giorgi:

Isso afeta profundamente a escola, que foi organizada a partir de dois grandes pressupostos: o de que o núcleo da socialização está dado pela família; e o que há um modelo cultural hegemônico que a escola deve transmitir.

As famílias enfraquecem-se em sua capacidade socializadora, os professores queixam-se de que as crianças chegam à escola insuficientemente socializadas para aprender. Se a família não cumpre seu papel socializador, a escola não pode ensinar, segundo o ponto de vista dos agentes escolares, que se sentem pouco preparados para as novas demandas – ligadas à socialização primária – que se precipitam sobre a escola (DI GIORGI, 2004, p. 68).

É a partir de como os alunos refletem seu comportamento na escola é que se pode entender muitos dos valores que os pais transmitem aos seus filhos.

Supomos que estes se utilizam da escola, como um produto de consumo, um espaço que presta serviço aos pais. É claro que prestar um serviço à sociedade, o de desenvolvimento e formação de indivíduos.

Isso tudo é muito simples de se enxergar, é visto perante a conduta da criança e jovem, o como ela respeita as regras e trata os funcionários, fica visível o que aprende e convive em seu lar.

Do ponto de vista psicológico, pesquisas indicam que alunos com dificuldades de aprendizagem apresentam descrença ou percepção distorcida quanto à própria capacidade em realizar tarefas escolares com sucesso. (CHAPMAN, 1989). Se, por um lado, essas percepções negativas soem gerar problemas motivacionais que, por sua vez, contribuem mais ainda para aumentar as dificuldades de aprendizagem existentes; por outro

lado, os problemas motivacionais podem também ser vistos como precursores de dificuldades de aprendizagem, visto que padrões motivacionais disfuncionais costumam estar presentes até mesmo em alunos muito inteligentes. Como apontam Urdan, Midgley e Andermam (1998), alunos motivados, em geral são marcados pelo interesse de busca, pelo esforço, pela persistência e pelo engajamento em atividades acadêmicas.

Já os desesperançosos nunca tentam porque partem do princípio de que realmente não sabem fazer, esses estudantes consolidam o mais sério ciclo vicioso de nunca conseguir aprender e desenvolver habilidades (STIPEK, 1988), por conseguinte, o acúmulo de fracassos confirmam as suas auto-avaliações negativas (BORUCHOVITCH, 2001, p. 47-48).

É certo que, várias vezes, dificuldades de aprendizagem são agravadas por problemas motivacionais e que esses geralmente se traduzem direta ou indiretamente em dificuldades de aprendizagem.

Conforme aposto, a motivação é uma variável – chave para a aprendizagem e sem dúvida, o professor pode contribuir essencialmente para atender as dificuldades de aprendizagem e aumentar a motivação de seus alunos e nesse sentido, alguns autores acreditam que os alunos se motivam mais facilmente se as tarefas propostas são desafiantes, requerendo um engajamento ativo do estudante no seu próprio processo de aprendizagem.

A tarefa precisa então ser um risco, um desafio, e o medo do fracasso deve, sempre que possível, ser eliminado ou minimizado, ou seja, estratégias para se lidar com o erro e com os sentidos negativos decorrentes do fracasso devem ser reestruturados a serviço da própria aprendizagem e serem ensinadas para os alunos.

Sendo assim, é essencial que professores comprometam-se ao crescimento pessoal dos alunos e o auxiliem cada vez mais a assumir responsabilidade pelo próprio processo de aprendizagem, pois, como apontam Zimmermam, Bonner, e Kavach (1991) (apud BORUCHOVITCH, 2001, p. 55): “[...] aprender não é algo que se possa fazer por alguém”. O educador deve contribuir para que a criança integre seu passado, vivenciando o presente e projetando o futuro, assim como deve ajudar a família a desmistificar o problema de seus filhos, reintegrando a imagem que se tem deles, sendo ainda tarefa do educador fazer com que a criança construa a possibilidade de se autoavaliar, para que se aproprie de seu potencial e busque o sinal interno de satisfação lógica.

Nesse sentido, o professor deve se preocupar com o desenvolvimento integral da criança, propiciando a aproximação escola/família,

vinculando sempre o aluno ao prazer de aprender, permitindo assim, um mecanismo de identificação desta com o processo de aprendizagem.

É preciso romper com comportamentos fossilizados e cristalizados a fim de que se construam novos conceitos, novos valores e novas formas de agir e pensar na contemporaneidade. Os fundamentos da Ética, como premissas básicas de convivência humana e da possibilidade de sobrevivência da humanidade, devem ser o nosso chão de educadores (BENEDETTI, 2009, p. 276).

Como diz Di Giorgi (2004), o principal desafio da sociedade moderna é fazer com que os indivíduos reconheçam o outro como sujeito.

3.4 A Escola como Instituição Socializadora

Apropriando-se dos estudos de Benedetti (2009, p. 269-270):

A escola não estando preparada para atender aos novos desafios trazidos pelas crianças que apresentam em seu perfil as marcas de seu tempo, cumpriu seu papel assumindo funções que não são suas, como a de diagnosticar e encaminhar diretamente. Não encontrando referências para trabalhar questões tão complexas quanto à de educar novas crianças com velhos instrumentos, a escola simula sua própria ação trabalhando seu aluno como um consumidor a ser atendido ou como um problema que não é seu.

Perde a escola o lugar de educar, transformar e construir, junto com a família e demais instâncias educativas, um sujeito crítico e capaz de assumir papéis sociais, no mundo do trabalho e construir vínculos. Desconstituiu-se como um espaço afetivo e de referência positiva, para ser um lugar empobrecido de elementos interessantes e construtivos. Passa a ser um espaço de resistência e não de crescimento e aprendizagem.

De fato, diante dos desafios educacionais contemporâneos, a escola precisa repensar o seu papel e, ao atribuir a falha do processo ensino e aprendizagem à criança, deixa de rever sua estrutura e se nega a perceber que uma outra escola precisa ser proposta.

Pelo conteúdo desta citação, fica evidente que a escola está perdida quanto ao seu papel, não conseguindo redefinir um foco que busque e apresente uma educação eficaz e permanente. A escola e alunos queixam-se um do outro. A escola não está conseguindo evoluir de acordo com as necessidades desta sociedade contemporânea.

Diante desse quadro, a escola se encontra em profunda crise, sendo chamada a desempenhar novos papéis, mas não conseguindo fazê-lo, o que gera toda espécie de patologias, das quais a crescente violência é apenas o sintoma mais evidente. Há outros, como a indiferença e apatia dos educando e educadores. O modelo vigente de escola se revela absolutamente inadequado perante a nova realidade (DI GIORGI, 2004, p. 11).

A escola tem apresentado dificuldade em lidar com a grande parte da função socializadora. O bem comum é uma das grandes metas da sociedade, é um conceito básico da escola no ensino social. É o bem de todos e para todos. Deve ser a meta da sociedade, da educação e da ação dos governantes. É o que marca a sociedade humana que envolve a interdependência, tanto em nível pessoal, associativo, organizativo e político da sociedade. Parece não ser uma das prioridades da escola.

A proposta deste trabalho é uma transformação social por meio da parceria entre as instituições escola e família.

A escola é uma instituição contextualizada, isto é, sua realidade, seus valores, sua configuração variam segundo as condições histórico-sociais que a evoluem. Há toda uma confluência de fatores que determinam seu perfil e suas manifestações. O professor com relação à escola é, ao mesmo tempo, determinante e determinado. Assim como seu modo de agir e de ser, recebem influências do ambiente escolar, também influência este mesmo ambiente. A escola, analisada em diferentes momentos históricos, certamente mostrará realidades também diferenciadas (CUNHA, 1989, p. 24).

Por assim tratar, o ideal é que a escola consiga acompanhar a evolução do mundo, para que não se vincule as tradições já não utilizadas na atualidade. A escola deve propor uma transformação que tenha como foco o ensinar bem como o formar cidadão, formar sujeitos éticos capazes de agir de maneira plena. Segundo Di Giorgi:

A escola para responder ao desafio da nova situação, aproveitando positivamente as suas potencialidades, deve ter as seguintes características básicas:

- a) Ser produtora de conhecimento;
- b) Ter alto grau de autonomia;
- c) Assumir funções educativas mais amplas, por si mesma ou através de forte ligação com outras agências que também tenham caráter educativo;
- d) Promover, como papel a ser gradativamente assumido nas políticas públicas e legitimado no imaginário social, a dinamização cultural, social e eventualmente até econômico de seu entorno.
- e) O processo de formação dos educandos é, crescentemente, determinado, tanto no plano coletivo como individual, por eles próprios,

única perspectiva pedagógica coerente com a formação de sujeitos (DI GIORGI, 2004, p. 12-13).

A idéia de formação de sujeito ético associado à educação é uma tentativa de solução em relação à crise educacional e de socialização que caracteriza a sociedade. Nesse sentido, um dos problemas mais sérios que a sociedade contemporânea ultrapassa é o “déficit de socialização” segundo Tedesco (2001).

Ao falar sobre cidadania, ética e socialização pretende-se com esses temas iniciar o terceiro capítulo, no qual abordaremos sobre os papéis dos responsáveis pela formação do sujeito ético e a importância da ética para a sobrevivência da cidadania apoiada nas instituições família e escola.

4 A FORMAÇÃO ÉTICA E O IMPERATIVO DA LIBERDADE

4.1 A Crise

Nos últimos anos, no entanto, algo está mudado. A crise da educação já não se apresenta como um fenômeno de insatisfação no cumprimento de demandas relativamente estabelecidas, mas como uma expressão particular da crise do conjunto das instâncias da estrutura social: desde o mercado de trabalho e o sistema administrativo até o sistema político, a família e o sistema de valores e crenças (TEDESCO, 2001, p. 15).

A crise educacional tem afetado os lares, o trabalho, a escola, enfim a sociedade em sua totalidade. O pior é que não se sabe para onde caminhar, para onde orientar as ações.

Antes de qualquer atitude a tomar, é necessário que aceitemos que estamos vivendo uma transformação social. Diante deste contexto há uma crise de referências. As mudanças deste mundo globalizado, era da informação, sociedade moderna, terceira onda, entre outras classificações de forma de organização social esta diretamente ligada ao modo de produção.

De acordo com Tedesco (2001, p. 17):

A rápida e profunda transformação tecnológica, assim como a globalização e a competição exarcebada pela conquista de mercados, esta modificando os padrões de produção e organização do trabalho e automaticamente a organização da sociedade que almeja cada vez mais pelo ter, e detrimento do ser.

Nas palavras de Benedetti, “Desta maneira a fixação pelo ter e pelo acumular suscita, desafia e requer não apenas a reflexão, mas também a transformação desta sociedade, em busca de valores subjetivos” (BENEDETTI, 2009, p. 74).

O conflito é estabelecido se analisado sobre a perspectiva de que o consumo está associado ao conhecimento em uma sociedade organizada em torno do capital, e este conseqüentemente está ligado ao autoconhecimento inclusive no que tange a educação, pois esta, historicamente esta associada a uma ideologia a aos meios de produção.

Uma olhada nesta situação do ponto de vista da educação e dos educadores permitiria observar que o mais importante é o consenso em reconhecer que o conhecimento constitui a variável mais importante nas explicações das novas formas de organização social e econômica. Já se tornou lugar-comum a afirmação de que os recursos fundamentais para a sociedade e as pessoas seriam a informação, o conhecimento e a capacidade para produzi-los e manejá-los (TEDESCO, 2001, p. 20).

Defendemos a idéia que, para formar sujeitos éticos, é essencial o conhecimento, a informação, a educação para se ter capacidade de criar, de inovar, de buscar autonomia, pois ao falar de sociedade contemporânea é falar de liberdade. Ao mesmo tempo entendemos que os aspectos subjetivos são essências para a formação do sujeito ético e livre.

Na formação de sujeito através da criação da identidade, com foco em um sujeito ético, diurnamente é ideal que a identidade seja construída primando-se pela estruturação subjetiva do ser. Di Giorgi (2004) afirma que é fundamental reconhecer o outro como sujeito para a sobrevivência da sociedade e democracia.

Desta forma, a construção do conhecimento, formação de identidade, educação, ética e cidadania é o elemento central desta proposta. O conhecimento e o autoconhecimento são essenciais para podermos dissertar sobre liberdade. Consciência de si, consciência social são elementos estruturadores da possibilidade de ser livre.

Ser livre é poder ter condições de optar o que quer e o que não quer, mas não que essa escolha traga sempre resultados positivos, conquistas ou vitórias. Existem situações que não dependem apenas das nossas vontades e sim das condições históricas ou muitas vezes das vontades dos outros. Nem por isso deixamos de ser livres.

O homem se distingue dos demais seres vivos por ser social, ele faz parte do reino animal e, no entanto, o domina. É fazendo uma breve comparação com todos aqueles organismos cujo comportamento é ao mesmo tempo complexo e unificado, vemos que ambos relacionam-se essencialmente com o seu ambiente, que é a chamada “vida”.

Chegamos assim à palavra fundamental de toda essa confusão: liberdade. Os animais (sem falar nos minerais ou nas plantas) não têm outro remédio senão ser como são e fazer o que estão naturalmente programados para fazer. Não se pode repreendê-los ou aplaudi-los pelo que fazem, pois não sabem comportar-se de outro modo.

Por mais que sejamos programados biológica ou culturalmente, nós seres humanos, sempre podemos, ao final, optar por algo que não esteja no

programa (pelo menos que não esteja totalmente). Podemos dizer “sim” ou “não”, quero ou não quero. Por mais que nos vejamos acuados pelas circunstâncias, nunca temos apenas um caminho a seguir, mas vários (SAVATER, 2005, p. 22-24).

Três séculos antes de Cristo, Aristóteles já afirmava que o homem é um animal social, e a sociedade é uma realidade específica e natural, formada de indivíduos. Vivendo em sociedade, o homem vai adquirindo uma segunda natureza, natureza social ou eu social e à medida que vai adquirindo essa segunda natureza, ele se integra a sociedade e se socializa.

O homem é um ser social por natureza, pois só vivendo em sociedade torna-se humano. Em geral a sociedade se organiza pelas interações, relações e processos sociais, e nela os indivíduos estão distribuídos por diferentes status, desempenhando seus papéis. A sociedade não é estática, esta sempre se transformando em ritmo lento ou acelerado.

É visto ainda que não só o homem vive em sociedade ou tem capacidade de organização social. Também alguns vegetais e muitos animais formam sociedades, baseada na sua natureza biológica, possuindo uma organização biossocial. Porém a sociedade humana difere das outras sociedades animais, porque sua organização é sociocultural e vivendo em sociedade, cria-se cultura, que nada mais é que uma herança social dos povos. A cultura se origina sempre para satisfazer as necessidades humanas, para que o homem passe a adaptar-se ao meio e adaptar o meio a si.

Contudo, a transformação ou mudança cultural não se faz sem a continuidade da cultura e costumes, pois cada geração, em suas descobertas e invenções tem como ponto de partida o patrimônio cultural recebido do passado e a cultura existe nos indivíduos que são seus portadores e suas qualidades provem das personalidades, vontades e caprichos e da interação dos mesmos.

As ordens e costumes têm uma coisa em comum: parecem vir de fora, impondo-se sem pedir permissão. Por outro lado os caprichos vêm de dentro, brotam espontaneamente sem ninguém mandar e sem acreditarmos, em princípio, estar imitando alguém.

Em resumo: pode haver ordens, costumes e caprichos que sejam motivos adequados para agir, mas em outros casos não há porque ser assim (SAVATER, 2005, p. 35-42).

Podemos, pois afirmar que a sociedade, personalidades e cultura estão em estreita dependência funcional e são sistemas interdependentes que se

influem reciprocamente e o que de fato deve ficar em destaque, é o saber o que fazer, para que seja feito de forma agradável a si e aos outros, mas para que seja possível fazer aquilo que convém, que gratifica, tem que conhecer-se. Assim sendo, podemos dizer que o primeiro passo para a construção do sujeito é conhecer a si mesmo. Como já citado anteriormente, esse autoconhecimento passa pela consciência social, ou seja, pelo conhecimento fundamental de que vivemos em uma sociedade cuja mola propulsora é o capital e o consumo, ao mesmo tempo, as possibilidades de liberdade encontram-se situadas nas perspectivas de conhecimento interno, das razões pessoais, individuais, únicas e subjetivas que movem o sujeito em suas ações e sentimentos.

4.2 Conheça a Si Mesmo

O conceito que se tem de si mesmo é primordial para descobrir seus verdadeiros valores internos. É essencial para estabelecer contato com a realidade e tentar viver bem e ser feliz.

A imagem que todos nós formamos de nós mesmos, através do desenvolvimento e de nossa história de vida, nos diz quem somos o que podemos esperar dos outros e de nós, até mesmo o que acreditamos que merecemos ter e ser.

Na história de Platão, conhecida como Alegoria da Caverna, ele conta que nela, há algumas pessoas que estão lá desde crianças, amarradas pelas pernas e pelo pescoço, de costas para a entrada, impedidas de saírem dali. Da luz que vem de fora e que se projeta no fundo da caverna possibilitava a essas pessoas verem as sombras das outras que lá fora passavam. Os prisioneiros pensavam, portanto, que a realidade era a sombra que viam, mas um dos prisioneiros soltou-se e caminhou até a entrada da caverna e notou que aquelas imagens não passavam de ilusões e o que encontrara lá fora era a realidade. Encantado retornou a caverna para contar aos outros e já sentiu as trevas em seus olhos, pois já estava acostumado a olhar para a verdadeira luz. Assim, os prisioneiros decidiram que não valia a pena sair da caverna, defenderam-se daquele que tentou tirar-lhes de lá e até o mataram.

Baseado nesta história, Sócrates aconselha as pessoas a saírem da caverna, saírem da escuridão de seus espíritos buscando a luz, não aquela ofertada apenas pelo sol e sim uma luz interior que existe em cada um de nós mesmos.

Para que seja possível às pessoas conhecerem a si mesmas, elas deveriam questionar-se de forma incansável, dialogar com todos sobre os mais variados assuntos de forma real e não de formas obscuras. Buscar lembrar o que já se passou dentro de nós e não fora.

Conhecendo a nós mesmos, tomaríamos consciência que nossa alma racional, a total responsável pela nossa felicidade, pois agindo de acordo com a razão, agiríamos de acordo com o nosso ser, se agíssemos como os homens não seríamos dominados pelos instintos que dominam os animais, mas, pelos sentidos. Para agirmos como homem, temos que saber o que somos, se somos racionais, nossa conduta também precisa ser racional.

Todo ser humano apresenta impulsos inconscientes e conscientes, que o fazem agir pelo princípio do prazer de forma inconsciente e quando equilibrados com as normas e regras sociais impostas se forma a identidade de cada um. A identidade, o eu, a personalidade é individual, inerente a cada pessoa.

O homem está em busca da felicidade, em busca de realização e satisfação sendo movido por esses impulsos inconscientes que buscam prazer. Uma busca de aprimoramento, estando de bem com a vida.

Procurando o bem, temos que nos afastar do mal, para Sócrates viver escravo do prazer é viver sem se saber o que se quer, é não usar a razão, é não agir como homem.

Viver livre é viver feliz, é saber o que quer e não quer, é agir racionalmente, é agir com princípio de realidade, é procurar o bem para si e ser livre. Viver livre é ação que nos livra dos vícios e nos conduz a felicidade.

Ao deixar de usar a razão é deixar de agir como homem, é tornar-se escravo de um vício. Devemos aprender a pensar, refletir, saber e fazer.

Pensar sobre a vida, perceber que somos nós mesmos os grandes responsáveis pela nossa formação de sujeito, pela nossa vida, pela nossa felicidade.

Durante todo o tempo, temos que fazer escolhas, respeitando muitas vezes os limites que nos são impostos. O difícil é saber qual escolha fazer, qual nos levará para a felicidade. Muitos não são felizes porque não sabem exatamente o que

buscar. Quem sabe o que é bem, o pratica. E quem pratica o bem é realmente um ser humano consciente dos direitos dos outros e seus compromissos.

É importante buscar o autoconhecimento, identificar o que gostamos e fazemos, o que gostamos e não fazemos, o que não gostamos, enfim, identificar nossos sentimentos, pensamentos e comportamentos.

Foi preciso escolher entre a pulsão e a civilização, e a civilização venceu. Através da educação a civilização pretende manter a pulsão em seus trilhos, e aproveitar sua energia em obras culturais. Sob o amparo desta trégua chamada latência, reassegurado por um superego definitivamente incorporado.

A aceitação do real perante o princípio do prazer é elevada a efeito mediante a função sintética do ego, já que este é capaz de pensar e, portanto, de adiar o cumprimento de um ato e de antecipar as condições em que este ato é possível. Também é concedida à mente a capacidade de discernimento, isto é, a possibilidade de perceber o que convém e o que não convém, quanto aos diferentes fatores em jogo, evitando assim racionalmente a necessidade de reprimir (PAÍN, 1992, p. 18-19).

Entretanto, a capacidade de lidar com a frustração, como sinal de que somos capazes de pensar através de um equilíbrio agindo através do princípio da realidade. Outro ponto importante dentro do processo de autoconhecimento é a valorização de si mesmo que se constrói no dia a dia.

Depois de identificados esses conceitos, devemos partir para o processo de autoavaliação, devemos desenvolver a capacidade de perceber nossas próprias limitações, assim como nossas virtudes. É se dar conta dos pontos fracos e fortes, é perceber nossas reações diante dos estímulos externos, é perceber que de fato nos deixa feliz. Ninguém gosta daquilo que não conhece.

O processo de automotivação é algo muito interiorizado, é o gostar de si próprio, é confiar no funcionamento da mente, na capacidade de pensar nos processos por meios os quais refletimos, escolhemos e decidimos. É ter confiança na capacidade de entender os fatos da realidade que estão dentro de nossa esfera de interesse e necessidade.

Uma auto motivação positiva significa ter certeza de nossos valores, ter certeza diante do direito de viver e ser feliz, uma sensação de conforto ao reafirmar de maneira apropriada aos nossos pensamentos, as nossas vontades, nossas necessidades, o sentimento de que a alegria é nosso direito natural por termos sido criados e existirmos no mundo.

Se um indivíduo se sente inadequado para enfrentar os desafios da vida, se não tem uma autoconfiança básica em suas idéias, estamos diante de uma autoestima deficiente, então, falta um senso básico de respeito por si mesmo.

A autoeficiência e autorespeito são duas habilidades essenciais de uma autoestima saudável. Quem tem a estima baixa, está sujeito a vários problemas psicológicos, tais como depressão ou ansiedade, pois seu modo de ver o mundo e conseqüentemente de se comportar o faz se sentir infeliz ou inseguro e o deixa mais propenso a cair nas armadilhas da vida.

Na vida pessoal ou profissional, a pessoa com baixa autoestima pode deixar boas oportunidades passarem, por não se achar bom o suficiente para ocupar aquela posição ou lutar por aquilo. O dó de si mesmo é comum em quem tem baixa autoestima, assim como o medo de não conseguir ou perder algo desejado. A pessoa considera-se vítima das circunstâncias dos maus relacionamentos e da falta de sorte.

Pessoas com bons conceitos de si mesmas olham a vida de frente, confiam em si mesmas para conseguir as coisas que almejam e para superar as dificuldades. Para Sócrates, ao sabermos o que é o bem, o faremos.

Para Nietzsche (1844-1900), muitas vezes agimos em sentido contrário a uma ação considerada correta. As pessoas sabem que não devem mentir e mentem, assim sendo o autor apontou uma diferença entre saber e fazer. Para ele existe algo maior em nós em que a razão não é suficiente para explicar. Existe um corpo composto por impulsos que são os instintos básicos que vão além da moral. Somos um conflito de forças que lutam entre si.

A luta constante que existe dentro de nós mesmos ocorre porque nossa identidade, enquanto sujeito, é determinado pelo self, dividido em duas classificações, o verdadeiro e o falso. O verdadeiro self é aquele que não se reprime diante as cobranças feitas pela sociedade, nunca age contra o próprio ser. Enquanto que o falso self atua pelo princípio de realidade, apresentando um comportamento aceitável pela sociedade.

Winnicott (1970) diz a respeito da palavra self. Foi no célebre trabalho *A deformação do ego, em termos de um self verdadeiro ou falso* (1960) que o autor contribuiu de forma mais completa e definitiva sobre o verdadeiro e o falso self. Nesta obra ele considera o verdadeiro aquele em que a mãe teria aceitado os gestos espontâneos da criança. No caso em que a mãe não tem capacidade para

entender e satisfazer as necessidades do filho, ela coloca seu próprio gesto, assim submetendo a criança a ela, onde começa a gerar um falso self.

Desta maneira se instaura muitos falsos selfs. O falso self é construído sobre identificações, é responsável pela organização integral da atitude social polida e amável. As pessoas projetam nas outros desejos e vontades próprias esperando que este outro venha realizá-los, e aquele que não se conhece verdadeiramente, se deixa levar pelas influências dos outros, inclusive pela própria sociedade em que está instalada. O falso self acaba se implantando como real e o verdadeiro self permanece oculto, mas somente o verdadeiro pode ser sentido como real.

Para Nietzsche (1900), existem dois tipos de pessoas, as fracas e as fortes. A força natural de uma pessoa é limitada pelas regras impostas pelos fracos onde estabelecem que a força na verdade é ser covarde, pois infringem regras morais.

A palavra “moral” tem a ver, etimologicamente, com os costumes, pois é exatamente isso que significado termo latino *mores*, e também com as ordens, pois a maioria dos preceitos morais soa como “você deve fazer isso” ou “nem pense em fazer aquilo”. No entanto há ordens e costumes - como já vimos – que podem ser maus, ou seja, imorais, por mais ordenados e “acostumados” eu se apresentem. Se quisermos nos aprofundar de verdade na moral, se quisermos aprender seriamente a empregar bem a liberdade que temos (e é justamente nesse aprendizado que consiste a “moral” ou “ética” de que estamos falando aqui), é melhor deixarmos de lado ordens, costumes e caprichos. A primeira coisa que é preciso deixar claro é que a ética de um homem livre nada tem haver com os castigos e nem com os prêmios distribuídos pela autoridade, seja ela autoridade humana ou divina, neste caso tanto faz.

Mas, se já dizemos que nem ordem, nem costume, nem capricho são suficientes para nos guiar quanto à ética, e agora se conclui que não há um regulamento claro que nos ensine a ser um homem bom e a funcionar sempre como o tal, e como iremos nos arranjar? Essa frase: faça o que quiser?

Não pergunte a ninguém o que você deve fazer de sua vida: pergunte-o a si mesmo. Se você deseja saber em que pode empregar melhor a sua liberdade, não a perca colocando-se já de início a serviço de outro ou de outros, por mais que sejam bons, sábios, respeitáveis: sobre o uso sua liberdade, interogue... a própria liberdade (SAVATER, 2005, p. 43, 47-51).

Ao falarmos de costumes, não poderíamos deixar de citar sobre o fundamental papel da família neste contexto, uma vez que trazemos conteúdos sejam eles, históricos, culturais ou herança e lembranças de um passado.

4.3 Família e Ética

A educação que conduz a criança, o adolescente e o jovem à sua maturidade, ela começa no interior da família, que é considerada como o lugar privilegiado da formação educacional do sujeito. É o lugar de iniciação e transmissão dos valores morais e éticos.

Um dos problemas mais sérios que a formação do cidadão enfrenta atualmente é o que poderíamos chamar de “déficit de socialização” que caracteriza a sociedade atual. O processo de socialização foi dividido classicamente em duas fases: a socialização primária e a socialização secundária. A socialização secundária, por sua vez, é todo o processo posterior, que incorpora o indivíduo já socializado a novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. A socialização primária – que normalmente se dá no seio da família – costuma ser a maior importante para o indivíduo. Com ela ele adquire a linguagem, os esquemas básicos de interpretação da realidade e os rudimentos do aparato legitimador (TEDESCO, 2001, p. 30-31).

Ambas não têm dado conta da demanda social. A socialização primária tem sido falha no auxílio ao desenvolvimento não apenas cognitivo, mas também na transmissão de afeto. E quando as crianças chegam à escola, afirmam as instituições de ensino que as mesmas não estão preparadas para o processo educacional, pois não têm limites e o mínimo de educação cuja responsabilidade é da família, não é feito.

Atualmente o individualismo faz parte da vida das pessoas e automaticamente esta associada à liberdade e expansão da personalidade. Como menciona Tedesco (2001) a liberdade dos filhos em poder escolher seus caminhos, administrar sua própria vida faz com que os adultos adotem uma postura menos autoritária.

A mudança social, a aquisição de produtos, o poder financeiro, a vontade do sempre mais, a informatização, a modernização, contribui para o fortalecimento do individualismo. A criação do aparelho celular, o ar condicionado, a internet, a televisão digital, enfim, todo tipo de produto de consumo que possibilita conforto e comodidade com privacidade fortalece essa individualidade que toma conta do sujeito nesta sociedade moderna e capitalista.

Muitas famílias apresentam isolamento. Os filhos recolhem-se em seus quartos apartamentos e lá estudam, falam ao telefone, tomam o seu banho, assistem à televisão, recebem os amigos e até fazem suas refeições.

Todos esses fenômenos provocam uma mudança significativa no papel socializador da família. Para dizê-lo em poucas palavras, estamos assistindo a um processo pelo qual os conteúdos da formação cultural básica, da socialização primária, começam a ser transmitidos com uma carga afetiva diferente da do passado, sejam porque os adultos significativos para a formação das novas gerações tendem a diferenciar-se, seja porque o ingresso nas instituições é cada vez mais precoce, seja porque, num sentido mais geral e profundo, os adultos perderam a segurança e a capacidade definir o que querem oferecer como modelo as novas gerações (TEDESCO, 2001, p. 34).

Os provedores da família saem para o trabalho em busca de dinheiro na intenção de ofertar aos filhos o que de mais moderno existe e acaba por cometer erros de formação e educação ao não estar presente tempo suficiente para orientar e auxiliar a prole. Através desta atitude delegam para a escola e sociedade a responsabilidade da educação primária básica.

Assim, a escola, diante da problemática de trabalhar com as novas dificuldades trazidas pelo sujeito contemporâneo para dentro de suas salas, vêm desenvolvendo, gradativamente, uma postura que tende a colocar os problemas para fora de sua alçada (BENEDETTI, 2009, p. 71).

Devemos aprender a lidar com as adversidades dos seres humanos, as diferenças sociais, econômicas, culturais e principalmente, saber viver no mundo globalizado. Não podemos ficar se lamentando de que as coisas mudaram e o mundo não é mais o mesmo, tem-se que agir rapidamente e encontrar uma solução.

Hoje há famílias nucleares, ampliadas, monoparentais, homossexuais, e outras; mas o que conduz a uma situação de desorientação que carrega em si a perigosa possibilidade de que o passado se decomponha sem que se construa um futuro para substituí-lo. Desaparece a sociedade, se esta é definida como princípio regulador das condutas. Passamos a viver em um mundo de mercados, de comunidades e de indivíduos e não mais em um mundo de instituições.

A socialização moderna clássica constituía num processo pelo qual a personalidade se formava pela reflexão sobre os papéis sociais assumidos, portanto, através do olhar dos outros, posto sobre o indivíduo no exercício desses papéis, e essa formação só era possível porque todos eles remetiam a formas de autoridade, normas e valores comuns. Chamado mundo vivido, fortemente definido e organizado socialmente, dava suporte a formação da personalidade, que deveria desembocar na capacidade adulta de desempenho dos papéis sociais, especialmente o de cidadão e trabalhador, e no exercício dos direitos de cidadão.

A dessocialização consiste na desaparecimento dos papéis, normas e valores sociais através dos quais se construía o mundo vivido. E a educação não pode transmitir as normas de conduta esperadas socialmente, e funcionais ao sistema de produção, porque pouco se sabe quais são elas, e o pouco que se sabe não constitui um sistema coerente de valores. Nestas condições, ou o indivíduo se reduz a um mosaico de comportamentos tão diversos que não podem gerar nenhum princípio de unidade de personalidade (vivendo, portanto, à beira da esquizofrenia) ou busca essa unidade em uma herança cultural, uma memória, uma religião (DI GIORGI, 2004, p. 29-30).

Com base na citação feita anteriormente, pode-se refletir sobre a possibilidade de que por mais que a sociedade contemporânea caminhe para a individualidade do sujeito ainda existe um espaço focado na família, no grupo, na sociedade, no meio, enfim resta ainda à busca por uma educação, seja ela primária ou secundária, que formará sujeitos éticos que valorizem o ser humano em sua subjetividade e o respeite como sujeito.

4.4 Sujeito e Subjetividade

Para o psicólogo clínico o sujeito é o indivíduo submetido a uma observação ou a uma experiência, ao passo que, a subjetividade é a característica do ser humano do qual se afirma algo.

O sujeito de hoje, sujeito contemporâneo, conhecido como subjetividade que caracteriza a individualidade, a liberdade, que subsume a razão e a realidade também sofre com as mudanças econômicas e sociais, principalmente no âmbito da eficiência e competência. O homem contemporâneo realça a primazia do sujeito pela autoconsciência que adquire de si mesmo e da razão subjetiva, apta pela razão na hora de enfrentar a realidade. O homem é pluralista em todos os sentidos, no âmbito político, ideológico, religioso, moral e ético.

Vital (1999, p.107) comparando o homem com outras épocas, afirma que ele pode ser comparado assim: “o homem moderno é ...”. Ele é mais vivo, mais ativo e mais cheio de possibilidades.

Esse ideal que caracteriza o homem contemporâneo acaba por facultar o conhecimento verdadeiro sobre a realidade.

É possível estabelecer uma relação com a verdade que não passe pelos desdobramentos imaginários do falo? É possível flertar com a verdade sem a pretensão de possuí-la? Quem pode suportar, independentemente da passagem por um longo processo de análise, passear alegremente por todos os desvãos da própria ignorância, orientado não pela pose da verdade, mas pelas reverberações de um ouro saber - um “saber que não se sabe”? (KEHL, 2002, p. 71).

Talvez esteja aí a resposta para a crise da existência que atinge o homem, a crise ética do sujeito contemporâneo que produz tantas perguntas sem respostas, que causa tanta dificuldade em lidar com o outro, surge tamanha criminalidade na sociedade. Talvez a resposta seja que o sujeito atual não conhece nem a si mesmo, não sabe lidar com seus sentimentos, emoções, pensamentos e comportamentos, quem diria compreender, se por no lugar do outro, amar e respeitar o próximo.

[...] o individualismo moderno funda-se no esquecimento (podemos pensar em recalque) de todas as dimensões coletivas que, ainda da que negadas, determinam o sujeito.

Duas separações fundamentais ocorrem nesse processo, a que Elias chama de “civilizador”: primeiro, a separação entre cada homem e os outros homens, vivos ou mortos, dos quais dependem não apenas a existência física de cada um, mas sua constituição subjetiva, seu saber, sua moralidade – sua socialização, enfim. E, segundo, separação instituída pelos processos civilizadores, entre cada homem e seu próprio corpo: seus impulsos, suas mais diversas fomes, seus processos fisiológicos e, concomitantemente, suas vontades, taras, tendências e luxúrias, cuja expressão deixou de ser admitida no espaço da convivência com os outros homens e foi apartada da cena pública, relegada ao espaço da intimidade, de uma privacidade cada vez menos compartilhada e cada vez mais compreendida como o lugar da “verdade” do indivíduo, separada do espaço público pela adoção de máscaras de recato, civilidade e cortesia (KEHL, 2002, p. 61).

O homem contemporâneo vem negando sua existência, busca um individualismo sem bases familiares, sem valores, sem conceitos e acabam por não compreender o seu lugar no mundo.

Existe um isolamento que gera resistência em buscar a identidade, gera a negação do que se é, gera o que mencionamos de falso self. Assim, está instalado o conflito das novas gerações em discernir o que é certo e errado, o que faz bem ou mal, o que gera felicidade e infelicidade.

É necessário que se busque um equilíbrio entre a cultura herdada, valores e a subjetividade de cada um, formando desta maneira, o sujeito.

Partiremos para uma pequena explanação sobre os valores de hoje.

4.5 Novos Valores na Sociedade Contemporânea

A contemporaneidade traz uma nova configuração com relação aos valores, por terem sido afetados e modificados. “Os valores que moldam a ordem sócio-política já não são regulados por um sistema de crenças religiosas, mas por critérios de maior racionalidade” (VITAL, 1999, p. 104).

Os valores éticos e morais sofreram alterações e surgiu uma nova interpretação. Se, antigamente ocupavam lugares absolutos e prioritários, hoje são vistos de forma diferente.

A violência marca território nesta sociedade moderna. A busca incessante pelo ter como fora mencionado anteriormente contribui para a criminalidade. GÓES (2002) ao afirmar que “a atração exercida pela marginalidade social, como meio quase que exclusivo de poder e de ampliação das possibilidades de consumo, ainda que extremamente frágeis, passa a ser muito maior” também declara o seu ponto de vista sobre a mudança de valores dos seres humanos neste novo século, que traz sentimentos de medo associado a este comportamento quando observamos o que tem acontecido aos muros das residências e suas elevações, as desconfianças quanto aos vizinhos, enfim, mais uma vez identificamos o favorecimento ao individualismo do sujeito.

Ao falarmos sobre valores devemos abordar sobre a família, sobre a sociedade, sobre a escola, falar sobre o início da vida. E a responsável por essa dívida, que não poderia ser esquecida, é a mulher. Todavia, devemos mencionar sobre o seu papel nesta trajetória, mesmo porque, é ela a considerada por muitos, ou talvez alguns, como a responsável pela mudança social em que se encontra a sociedade, principalmente, em que se encontra a família.

A mulher foi sempre tomada como o núcleo moral da sociedade. Um dos pilares simbólicos mais fortes utilizados pelos positivistas, no período do advento do sistema republicano, no Brasil, foi o culto à mulher e a família, sendo a mulher a considerada a base, a sacerdotista da família.

É também a partir de fins do século XIX, momento em que a urbanização principia o seu avanço, no Brasil, que se pode observar todo um investimento discursivo com um caráter fortemente moralizador e disciplinador, sobre a mulher e a sexualidade provinda de várias direções: dos saberes médicos, psiquiátricos, religiosos etc. Uma das principais matrizes das formas de explicar, pensar, atribuir sentido à vida social era dada, então pela oposição homem / razão / cultura X mulher / instinto / natureza, construída por Rousseau.

Partia-se da crença na existência de duas espécies, com características distintas: aos homens sendo atribuídos o cérebro, a inteligência, a razão clara, a capacidade de decisão; às mulheres, o coração, a sensibilidade e os sentimentos. Baseando-se em teses naturalistas e da biologia foi construída a imagem do modelo feminino ideal: um modelo essencialista e universal do que seria “a mulher”, modelo único e explicado como tendo uma origem na natureza (MOREIRA, 2002, p. 40-41).

Visto que por mais que a família mudou, as mulheres conservam velhos hábitos e tradições e eliminaram outros. Por mais que tenham adentrado ao mercado de trabalho, ainda exercem um papel central na família. Elas assumem diversas atribuições, executam seu trabalho doméstico, cuidam dos filhos, trabalham fora e cuidam de si, reproduzindo várias formas de sobreviver e amar.

Não é difícil percebermos que vivemos uma crise ética, decorrente da crise da própria razão. O pensamento não é mais capaz de conceber os ideais da razão. Os princípios morais da nossa cultura perderam a força. Os interesses de mercado passaram a conduzir a consciência das pessoas. E o que de fato interessa é garantir a sobrevivência sem sofrimento, buscando o bem estar sem sentir preocupações morais. Os valores hoje, provem do modo capitalista, e a educação tem sido em torno do formar pessoas que possam adentrar no mercado de trabalho para poder ter condições em consumir produtos desejados.

Visto neste aspecto, não devemos nos prender ao que causou a crise, em sim, como solucioná-la, assim sendo, nosso foco está em resgatar os valores essenciais para se viver bem consigo e com o outro e para isso é fundamental que se resgate a importância da família, seja ela moderna ou tradicional, com mães responsáveis pelo serviço da casa ou trabalhando fora do lar, mas que seja com pais com condições de educar os filhos e acompanhá-los no processo de formação. Bem como, o resgate da família em parceria com a escola.

Cabe à família e à escola entenderem que o desenvolvimento industrial, econômico e tecnológico adquire uma importância fundamental na sociedade que vivemos. Há a necessidade de utilizar uma nova linguagem para a educação dos filhos e dos alunos.

O ser humano ético não nasce pronto e acabado. Ele torna-se humano, moral e ético, ao longo do seu existir, seu vir-a-ser, mediante suas interações estabelecidas com os outros, com o meio ambiente e com a sociedade. De acordo com Costa, os processos de desenvolvimento, os principais agentes socializadores são:

Família, sociedade, escola, mídia, religião, cuja atuação se dá por meio das práticas educativas formais e informais. Dizendo de outra maneira, é pela educação formal e informal, que se constituem a subjetividade e se molda o ser humano (COSTA, 2007, p. 103).

A educação é o instrumento indispensável pela formação ética do cidadão começando na família, tendo seu prolongamento na escola. Como responsável pela educação sistematizada, cabe à escola também a responsabilidade da formação ética do aluno, incorporando em sala de aula, a discussão de assuntos morais e éticos. Indagar e refletir sobre o que é o bem e o mal, justo e injusto, observar as normas que regem a vida individual e dos grupos que compõem a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos construtos dissertados nos capítulos anteriores encontramos aporte teórico para desenvolvermos as seguintes idéias: pensar na mudança de valores da cultura e das pessoas é compreender o que tange ao processo de transformação geral do contexto contemporâneo, principalmente no âmbito subjetivo.

É relevante entendermos que estas mudanças sócio/culturais podem trazer potencialidades para uma vida mais livre e mais igualitária.

Fundamental para a análise educacional e no contexto atual são as significativas mudanças ocorridas neste novo século, às quais podemos apresentar como resposta, à problemática apresentada na presente dissertação como conclusão.

Trazemos alguns pontos relevantes dessas mudanças tais como: usos e costumes homogêneos, transformações no seio da família, tecnologia de informação, mudanças na subjetividade do sujeito contemporâneo, entre outros. Mas, o que de fato iremos dar ênfase é na construção da identidade.

Com base nos estudos de Benedetti (2009), Di Giorgi (2004), Tedesco (2001), Kehl (2002) e Winnicott (1999-2005) que se pode concluir que a família e a escola não têm transmitido com eficiência valores e normas culturais. Dentro da família, a convivência entre pais e filhos diminuiu e as crianças estão expostas às mensagens transmitidas pelos meios de comunicação. Por sua vez, os adultos perderam a capacidade de escolher o que transmitir aos filhos. Além de ocorrer uma perda de idéias, ocorre uma perda de valores e sentidos.

Outro ponto central nessa reflexão é a subjetividade do sujeito que esta fortemente ligada à queda do poder paterno.

Com a mudança de modelo de família e suas adversidades, é difícil resgatar de fato o pai na plenitude da função paterna. Não estamos tentando dizer que o único caminho para a formação ética do sujeito seja de plena responsabilidade da família, mesmo porque, existem muitas unidades familiares que não apresentam a mínima condição de estrutura educacional.

Do mesmo modo, existem outros modelos de famílias, tais como homossexuais, mono parentais que não apresentam o posto de pai, ou imposição de

normas já estabelecidas, mas podemos propor e pensar sobre a criação de laços afetivos partindo para o lado fraternal, as quais as pessoas não seguiriam um modelo de repressão, mas de tolerância para com os outros, resgatando assim uma cidadania com ética, apoiada na criação e liberdade.

O terceiro ponto é o fim da ordem, início do tempo de mudanças, ou seja, as mudanças vieram para ficar.

Não há mais espaço para a imposição de normas, os meios de comunicação, a modernidade avançou para a informação e os jovens questionam sobre tudo, querem respostas de tudo.

Quarto ponto é o surgimento do sujeito. As pessoas buscam seus espaços, lutam por seus ideais, querem sua identidade, separadamente da identidade que os pais projetaram a elas. Surge um novo sujeito, sujeito com subjetividade particular, vontades e desejos únicos.

E quinto e último ponto é a ética voltada para a cidadania. Mais do que nunca, é necessário o resgate de uma ética focada em atitudes fraternas. Antes de irmos à busca do resgate da família e escola tradicionais, devemos aceitar as mudanças contextuais, supra citadas e criar idéias voltadas para a realidade atual.

Enfim, existe uma possibilidade em diminuirmos os grandes contrastes sociais, como criminalidade, problemas educacionais, saúde coletiva, violência no trânsito, etc, o caminho é educar para a cidadania, resgatar valores internos, afetos, distanciando-se do imperativo econômico, e centrando-se nas pessoas e sua dimensão ética e subjetiva.

Dedicamos-nos agora a busca das respostas à problemática apresentada inicialmente: das instituições família e escola, qual delas desempenha o papel prioritário na educação? Podemos afirmar que ambas, mas todo processo se inicia na família e tem sua continuidade na escola. Um estudo sincrônico nos revela diferenças inesperadas, de um continente a outro, da América à África, há muitas variações no modo de composição das famílias e entendimentos diferentes sobre o que significam. Mas a família qualquer que seja a sua estrutura ou formas que tomou com o tempo, enquanto aquele espaço do social que introduz os sujeitos na vida organizada da sociedade, a que sociabiliza os novos membros. Existe e perpetua sua forma ou estrutura por meio de mecanismos tornados inconscientes graças à sociabilização que organiza, que estabelece categorias, que permite amenizar o caos por intermédio da linguagem, colocando cada qual em seu lugar,

atribuindo qualidades e valores, retomando e retocando o modo como estão impressos nas relações humanas.

O papel primordial da família está em garantir a existência do grupo. A possibilidade dos laços afetivos e das relações que humanizam na instituição família serve como modelo de relações afetivas não mediatizadas pela imposição da norma, mas de forma natural e conseqüente.

Na busca de sentido sobre si mesmo o homem se move por crenças e valores, e, na relação com os demais, consegue se perceber física, social, psicológica e espiritualmente.

Como definir absolutamente, onde se inicia o processo de formação do sujeito ético? Todo processo de formação, seja de identidade, ou ético, é iniciado na socialização primária, queremos dizer, na instituição família e dada continuidade nas demais instituições sociais, como a escola. Participar da educação do ser humano exige uma proposta de trabalho unificada, integrada e harmônica, onde o importante é ser, como aspecto central e fundamental, o aluno como ser que pensa, sente, reflete, analisa, cria e se relaciona, mantendo sua individualidade, sua subjetividade.

Cada etapa da vida apresenta desafios diferenciados, e viver é tarefa de construção pessoal, destacando a importância da psicologia, que permite entender que, ao longo do processo, o ser humano tem interesses, motivos, destrezas e capacidades diferenciadas.

O ser humano é responsável pela sua caminhada, ele busca autonomia e autorealização que se dá através da interação com o meio em que vive. A maneira como se apresenta diante dos outros não deve ser vista de maneira plena e única, pois as opiniões se diferem uma das outras. Portanto, os valores sociais são questionados e nos levam a reflexão dos atos e o relacionamento com a sociedade nos leva as modificações.

Nesse sentido, podemos afirmar que as interações que acontecem no ser humano e dão significado a sua existência, ocorrem através de vivências afetivas, sociais, cognitivas e comportamentos ativos.

Compreender o processo de desenvolvimento do ser humano é o mesmo que entender suas necessidades e verificar os motivos que os levam ou impulsionam a agir, pois em todo individuo há uma tendência para a realização que o motiva a adotar certos comportamentos.

É possível, então, afirmar que o fenômeno do ensino em condições concretas e particulares expõe a natureza do trabalho do professor, profissional do ensino, no entanto, as ações dos docentes não são uniformes, mas o compromisso do professor identificado com sua profissão precisa ser resguardado e o trabalho docente na construção do conhecimento pelo discente merece ser destacado, a fim de que se reconsidere a ação da escola na sociedade e no desenvolvimento do potencial individual e grupal daqueles que dela fazem parte.

Entender o significado da palavra cidadania é suficiente para aprender e praticar os bons costumes que nos levam a cidadania de fato? Não! Pois como dissertamos, sabemos o que devemos fazer e muitas vezes não fazemos pelo simples fato de não conseguirmos, desta forma existe uma diferença muito grande entre saber e fazer. A participação no processo de ensino/aprendizagem, numa postura aberta e personalizada contribui para a estruturação de uma personalidade mais sadia e leva a procura de valores mais adequados ao momento pessoal e histórico vivido.

Assim, as mudanças decorrentes da relação com a sociedade, a adoção de novos valores e crenças, implicam alterações na autoimagem, com conseqüente mudança na identidade pessoal, devendo o educador ter consciência de seu papel como um dos grandes responsáveis pela manutenção da autoimagem e identidade de seus alunos e conseqüentemente pelo fortalecimento e manutenção da saúde mental.

Porém, numa análise dinâmica das atividades coletivizadas em prol de preferências assim expressas, o igualitarismo sob o ponto de vista sócio/cultural parece se defrontar com a desagradável impossibilidade de conciliar o fundamento do princípio da igualdade distributiva com o princípio da autonomia, portanto serve para apontar o desigual envolvimento, bem como o desempenho de cada um dos profissionais educadores na luta social visualizada no intuito de resguardar a cidadania.

Visto que sob o ponto da cidadania e da participação institucional, pode ser atribuído coletivamente aos cidadãos um grau de responsabilidade por aquilo que poderia ser feito para evitar os danos e as privações a que muitos estão sujeitos.

Assim, verificamos que a identidade é resgatada na decisão, no enfrentamento com o poder opressor, onde a dimensão masculina e feminina e

demais expressões subjetivas, está em cada ser humano. Onde o novo é de certa forma, silenciado, reprimido, exilado, mas é assim que, apesar de doloroso, se torna semente plantada que continua gerando vida nova. Significa atentar para a realidade histórica e compreendê-la, assim como entendermos que as questões relativas à reconstituição do outro. Constrói-se em um processo dinâmico e se realiza em meio à ação do dia-dia, e não meramente nas teorizações eruditas.

Contudo o mundo atual não comporta mais ações isoladas, houve uma mudança no comportamento das pessoas e também na concepção e dinâmica da escola.

A evolução trouxe recursos que passaram a fazer parte do dia-a-dia das pessoas, principalmente na área das comunicações, e o professor foi resignificado e, de certa forma, também adquiriu direitos que antes lhe eram negados.

Há uma nova forma de relação, escola/comunidade, em que a escola deixa de ser vista como o espectro de poder do professor e passa a ser também um espaço de reivindicações da comunidade. Por outro lado, nos é mostrado que há um desencontro das orientações emanadas dos órgãos centrais de administração das redes de escolas e a realidade destas.

Para uma boa educação é condição essencial a equipe ter a possibilidade de somar experiências acumuladas em várias escolas, ter uma boa formação acadêmica, fundamental também, a criação de ambiente escolar que propicie a otimização do processo ensino/aprendizagem. É necessário que o ser que aprende tenha consciência de sua ação criadora e de sua responsabilidade como formador de si mesmo no mundo.

Em suma, para formação do sujeito em sua dimensão ética mais aprimorada, cabe a família, escola e demais instâncias envolvidas na constituição do sujeito, os cuidados com o resgate da subjetividade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. 4.ed. Campinas: Papirus, 2004.
- ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1996.
- ALVES, R. O preparo do educador. In: **O educador vida e morte**. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ALVES, R. **Por uma educação romântica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2002. Artmed, 2000.
- AVELHANEDA, S. **O afeto**: um caminho para a educação. Disponível em: <http://ilove.terra.com.br/sergioavelhaneda/palestras/o_afeto.asp>. Acesso em: 05 dez. 2008.
- BENEDETTI, I. **A Produção do TDA/H**: transtorno de déficit de atenção com ou sem hiperatividade. São Paulo: Scortecci Editora, 2009.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais mediante versão dos Monges de Maredsous (Bélgica), pelo Centro Bíblico Católico. 110.ed. São Paulo: Ave-Maria, s/d.
- BOCK, V. R. **Professor e psicologia aplicada na escola**. Porto Alegre: Kinder, 1996.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BORUCHOVITCH, E. Dificuldades de aprendizagem, problemas motivacionais e estratégias de aprendizagem. In: **Dificuldades de aprendizagem no contexto Psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (orgs). **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CHALITA, G. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Editora Gense, 2001.
- COELHO, M. I. M.; COSTA, A. E. B. da. **A educação e a formação humana**: tensões e desafios na contemporaneidade. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- COLL, C. **Desenvolvimento, psicologia e educação**. Porto Alegre: Artmeds, 1995. v. 1.
- COSTA, J. **A Subjetividade e a diferença**. Disponível em: <<http://www.filosofia.pro.br/modules.php?name=News&file=article&sid=15>>. Acesso em: 20 nov 2009.

- CUNHA, M. I. da. **O bom professor a sua prática**. Campinas, S P: Papyrus, 1989.
- CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. 8.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- D'ÁVILA, C. M. Ensinar e aprender: do universal ao único. **Revista da FAEEBA**, v. 1, n.2, jan./ jun. 1992.
- DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DI GIORGI, C. **Uma outra escola é possível**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- FAZENDA, I. (Org). **Práticas interdisciplinares na escola**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- FERNADEZ, A. **A inteligência aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FORQUIM, J. C. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- FREIRE, P. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, P. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione: 1989.
- FREIRE, P.; FREI BETO. **Essa escola chamada Vida**. São Paulo: Ática, 1986.
- FREITAS, L. **A produção de ignorância na escola**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREUD, S. **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. RJ: Imago, 1907. p. 17-98,
- GADOTTI, M. **Educação e poder**: introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez, 1980.
- GANDIN, D. **Escola e transformação social**. 3.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- GIROUX, H. **Escola crítica e política cultural**. São Paulo: Cortez, 1987.
- KEHL, M. R. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: **Os progressos da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. p.313-343.

KLEIN, M. **A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego**. 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981. (Original publicado em 1930).

LACAN, J. **Os quadros conceituais fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LIMA, L. C. **A escola como organização educativa: uma abordagem sociológica**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1996.

MARTINS, E.; MARCHESI, A. Desenvolvimento metacognitivo e problemas de aprendizagem. In: C. Coll; J. Palácios A. Marchesi (orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: Necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 24-35.

MASETTO, M. T. Processo de aprendizagem no ensino superior e suas conseqüências para a docência universitária. In: Reunião Da Associação Brasileira De Ensino Odontológico, 33. ; Encontro Nacional De Dirigentes Das Faculdades De Odontologia, 24., Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 1998, p. 9-16.

MELO, G. N. **Educação e sentimento: é preciso discutir essa relação**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0176/aberto/mt_245077.shtml>. Acesso em: 03 jan. 2009.

MORAES, V. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960. p. 195.

MORAIS, R. (org.). **Sala de aula: Que espaço é esse?** 3.ed. Campinas: Papirus, 1998.

MOREIRA, A. F. B. **Conhecimento educacional e formação do professor**. Campinas: Papirus, 1994.

MOREIRA, M. A. **Ensino e aprendizagem: enfoques teóricos**. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1990.

MOREIRA, M. F. S. História, mulheres e valores. In: SANTOS, G.; SILVA, D. (orgs). **Estudos sobre Ética: A Construção de valores na sociedade e na educação**. São Paulo: Casa dos Psicólogos, 2002.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NIDELCOFF, M. T. **Uma escola para o povo**. 36.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

NIETZSCHE, F. **Liberdade e Instintos**. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/materialanderson4.shtml>>. Acesso em: 15 dez. 2009.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PARGA, M. O Enlace Desejo- Inteligência na Aprendizagem. In: SISTO, F.; BORUCHOVITCH, L. (orgs.). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PARO, V. H. **Reprovação escolar**: renúncia à educação. São Paulo: Xamã, 2001.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**. 4.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1993.

PERRENOUD. P. **Pedagogia diferenciada**: das intenções à ação. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1964.

PIMENTEL, M. G. **O professor em construção**. Campinas: Papirus, 1993.

ROZA, L. A. G. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RUSSO, J. A. Indivíduo e transcendência: algumas reflexões sobre as modernas "religiões do eu". **Revista Paulista de Psicologia e Educação**, v. 3, n. 1/2, p. 9, 1997.

SAMPAIO, D. M. **A pedagogia do ser**: educação dos sentimentos e dos valores humanos. Disponível em: ><http://fmaria.wordpress.com/2007/06/29/a-pedagogia-do-ser-educacao-dos-sentimentos-e-dos-valores-humanos-dulce-moreira-sampaio/>>. Acesso em: 05 dez. 2008.

SANTOS, G.; SILVA, D. (orgs.). **Estudos sobre Ética**: a construção de valores na sociedade e na educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

SAVATER, F. **Ética para meu filho**. São Paulo: Planeta Brasil, 2005.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

SILVA, E. A. **Educar para libertar**. Disponível em: <http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_clipping_bhdbc.html>. Acesso em: 19 dez. 2008.

SILVA, T. T. (org.). **Liberdades reguladas**. A pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998.

SISTO, F. F. et al. (org.). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SNYDERS, G. **Alunos felizes**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOUSA, Z. S. Avaliação da Aprendizagem nas Pesquisas no Brasil de 1930 a 1980. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 94, p. 43-49, ago.1995.

SOUZA, M. de. **A experiência da lei e a lei da experiência**: ensaios sobre práticas sociais e a subjetividade no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

SOUZA, M. G. **Educação e diversidade cultural**: uma análise da proposta da Escola Plural do Município de Belo Horizonte, MG. 2000. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Educação, PUC-RIO. Rio de Janeiro.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. 1.ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

TINOCO, D. H. **Afetividade e aprendizagem**. Londrina: EDUEL, 1999.

VASCONCELLOS, C. S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad, 1994. (Cadernos Pedagógicos do Libertad-2).

VASCONCELLOS, C. S. **Superação da lógica classificatória e excludente da Avaliação**: do “é proibido reprovar” ao é preciso garantir a aprendizagem. 2.ed. São Paulo: Libertad, 1998. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad, v.5).

VITAL, M. **Ética teologia**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 1999.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D. W. **Conversando com os pais**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **O Self verdadeiro e o falso Self**. Disponível em: <http://www.ligare.psc.br/leituras/self_des_saudavel_pg3.htm>. Acesso em: 17 dez. 2009.

ZABALA, M. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.